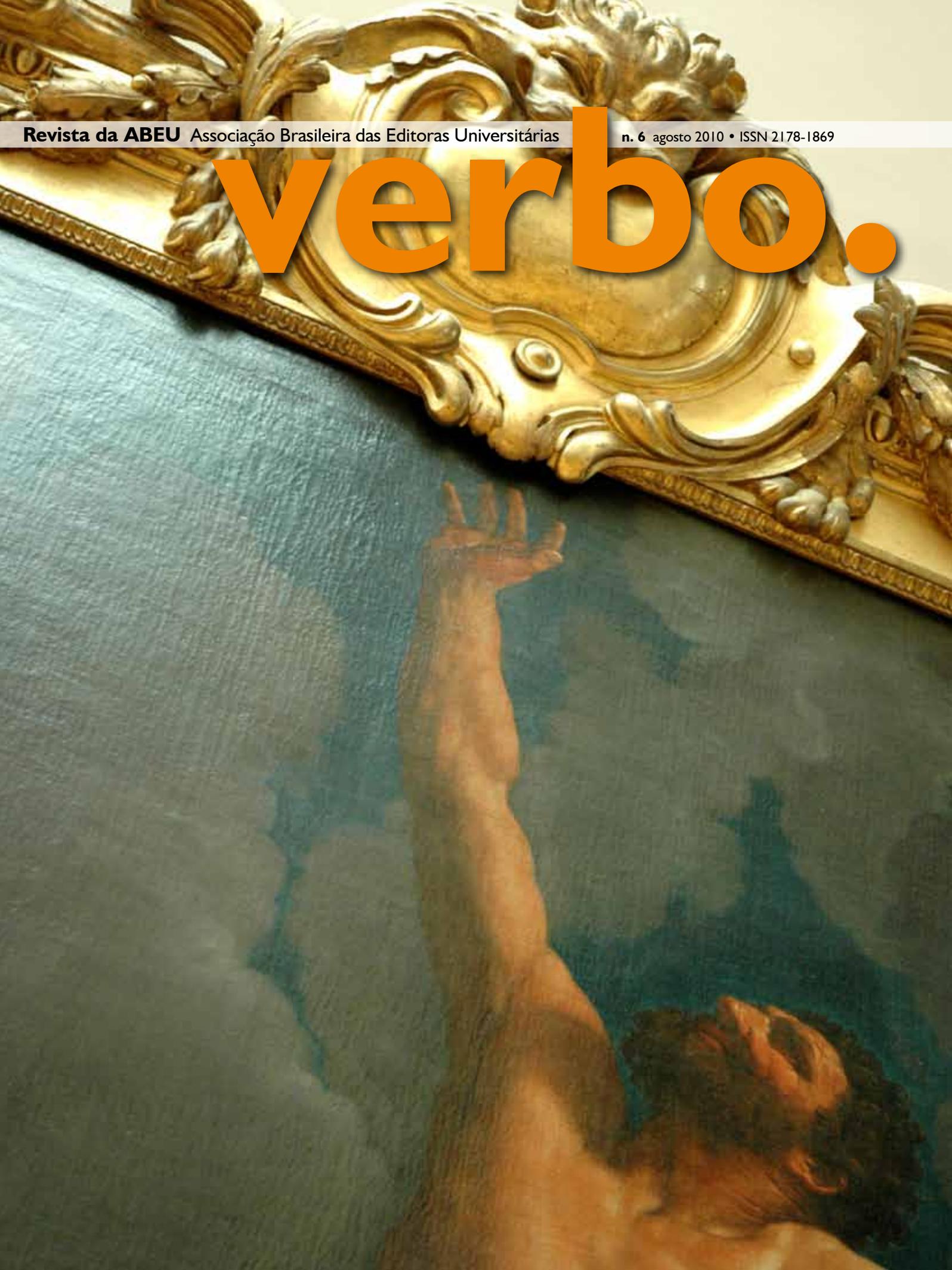


verbo.



Sumário

- 2 Registros VERBO.
- 4 Vitrine no coração do centro carioca
A tradicional Travessa agora só para editoras universitárias e independentes
- 6 Um homem de letras
Entrevista ABEU focaliza Ítalo Moriconi, poeta, crítico literário, professor associado e diretor da Editora da UERJ
- 10 XXIII Reunião Anual ABEU
Leitura na universidade e o livro digital, na pauta dos editores universitários
Novas tecnologias causam impacto à cadeia produtiva do livro convencional
- 16 Pela difusão do saber
Carlos Erivany Fantinati
- 18 El futuro del libro
Antonio Maria Ávila
- 20 Metadatos, estándares e intercambio de información normalizada sobre el libro em venta
Inés Miret
- 24 Eu, também, não acredito no fim do livro
Vitor Tavares
- 28 A revolução dos e-books
Jézio Gutierre
- 30 A questão do direito autoral na era digital
Rosely Boschini
- 34 Editora universitária autossustentável: desafio para uma mudança
Carlos Alberto Gianotti
- 36 Producción científica en America Latina: circulación, visibilidad, conocimiento. Los casos de Brasil, México y Colômbia, Proyecto Cognoscere-Sapere
Juan Felipe Córdoba-Restrepo
- 38 O roteiro para a classificação de livros da CAPES e as editoras universitárias
Valdir Prigol
- 41 Sobre a Lei Rouanet
Nilson Santos
- 42 Editoras associadas por todo o país



ABEU Associação de Editoras Universitárias

Diretoria biênio 2009/2011

PRESIDENTE | *Flavia Goullart Mota Garcia Rosa* - EDUFBA

VICE-PRESIDENTE | *João Carlos Canossa P. Mendes* - FIOCRUZ

DIRETOR SECRETÁRIO | *Maria Naddija Nunes Bittencourt* - EDUNEB

DIRETOR FINANCEIRO | *Neide Maria Jardinette Zaninelli* - EDUEL

DIRETORA DE EVENTOS | *Fernanda Almeida Ribeiro* - EDUFRJ

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO | *Mauro Romero Leal Passos* - EDUFF

DIRETOR DE DIFUSÃO EDITORIAL | *Rafael da Silva Oliveira* - EDUFRR

DIRETORA NORTE | *Laís Izabel Peres Zumero* - Museu Paraense Emílio Goeldi

DIRETORA NORDESTE | *Sheila Diab Maluf* - EDUFAL

DIRETORA CENTRO-OESTE | *José Francisco Ferrari* - EDUFMS

DIRETORA SUDESTE | *Rosana Paste* - EDUFES

DIRETOR SUL | *Valdir Prigol* - ARGOS

DIRETOR AD HOC | *Marcelo Di Renzo* - EDUL-Unisantos

SECRETÁRIO | *Rubens Mandelli Nery*

Verbo. Revista da Associação Brasileira de Editoras Universitárias, agosto 2010.

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO DA ABEU | *Mauro Romero Leal Passos*

EDITOR | *Marcelo Di Renzo*, MTB 11.008

PROJETO GRÁFICO | *Anaise Perrone* - EDUFES

FOTOS | *Ana Paula* - EDUFF (foto: Ítalo Moriconi)

Daniel Pative - ACI/UNESP (23ª Reunião Anual da ABEU)

David Protti - CAR/UFES (Capa 4, Teatro Universitário/UFES)

Roberto Burura (Capa, p. 10/18/27/30 e 33 [detalhe do Museu da Língua Portuguesa]/38)

ILUSTRAÇÕES | Acervo da Galeria de Arte Espaço Universitário da Secretaria de Cultura da UFES (p. 2/16/23/24/41)

REVISÃO | *Ana Paula* - EDUFF

Marcelo Di Renzo - EDUL-Unisantos

Regina Gama - EDUFES

Tânia Canabarro - EDUFES

COLABORADORES | *Ricardo Santana*, Edul/UniSantos

Thea Rodrigues - PLURICOM

CTP, IMPRESSÃO E ACABAMENTO | EDUFES - Universidade Federal do Espírito Santo (GM Gráfica)

Av. Fagundes Filho, 77 - sala 24 - Vila Monte Alegre
São Paulo/SP - Cep 04304-010 - tel.: (11) 5078-8826
www.abeu.org.br abeu@abeu.org.br



Roberto Burura é capixaba, fotógrafo, produtor e diretor de cinema e televisão.

Para você, leitor,

preparamos com muito carinho esta edição da *Verbo*. Aqui você encontrará matérias que têm a ver com nosso cotidiano: o de fazer e difundir, sob forma de literatura, o que de melhor vem sendo produzido de conhecimento em nossas universidades e institutos de pesquisa.

Temos uma entrevista com um convidado especial: Ítalo Moriconi, crítico literário, professor universitário, poeta, organizador de antologias, curador do Café Literário na Bienal do Livro do Rio de Janeiro em 2009 e, ufa!, diretor de uma editora universitária. Trazemos também um especial sobre a 23ª Reunião Anual da ABEU, realizada em São Paulo, em junho último, na qual foram abordadas questões fundamentais como os desafios da leitura e o lugar da universidade e o livro digital e seu impacto na edição universitária. Recheiam ainda esta edição a parceria com a Liga Brasileira de Editoras - Libre, para a implantação da livraria Travessa I no Rio de Janeiro, o roteiro para classificação de livros (há um *Qualis* Livro?), notícias sobre o estande coletivo na 21ª edição da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, o livro e as editoras universitárias em perspectiva regional.

Esperamos que a leitura das próximas páginas motive você a conhecer mais e melhor a ABEU. Em 23 anos de atuação pela cultura brasileira, mais do que congregamos 100 editoras universitárias, buscamos trabalhar em prol do livro universitário, num compromisso permanente com a formação de mais e melhores leitores, a promoção da leitura e o acesso aos saberes oriundos da academia de norte a sul deste país.

Boa leitura!

A Diretoria

registros verbo.

Presença ABEU 1 - Ministro da Cultura, Juca Ferreira, assinou protocolo confirmando a participação brasileira na Feira do Livro de Frankfurt, em 2013, durante evento promovido para esse fim, em Brasília, dia 22 de junho. A ABEU esteve representada por sua diretora secretária, Profa. Nadja Nunes Bittencourt, que dirige a editora da Uneb. Na ocasião, o ministro anunciou apoio às editoras universitárias.

Presença ABEU 2 - O III Seminário Nordeste de Propriedade Intelectual (SINEPI) foi realizado entre os dias 11 e 12 de maio, em Maceió, Alagoas. O evento propôs a universidade como aliada na investigação e divulgação dos conhecimentos sobre o direito da propriedade intelectual, incentivando a troca de experiências, na busca da consolidação da propriedade intelectual entre as instituições superiores de ensino na região Nordeste. A presidente da ABEU, Profa. Flávia Rosa, participou da mesa “Direito de sequência e as limitações do direito autoral”.

Presença ABEU 3 - No primeiro semestre de 2010, a ABEU organizou estandes coletivos nos seguintes eventos literários: XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino ENDIPE – MG; 13º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa IP PUC-SP – SP; 10ª Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto – SP; XXV Encontro Nacional do Anpoll – MG.

Presença ABEU 4 - Para o segundo semestre estão programadas as seguintes participações: 21ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo – SP; VIII Feira Universitária do Livro de Curitiba – PR; 34ª Encontro Nacional da Anpocs – MG; 62ª Reunião da SBPC – RN; XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino ENDIPE – MG.

Saudade - Escritor José Saramago morreu aos 87 anos, dia 18 de junho, em sua casa nas Ilhas Canárias. Único Prêmio Nobel entre os escri-

tores de língua portuguesa, ele destacou-se por ser uma voz contra as injustiças, a Igreja e os poderes econômicos. “O Ano da Morte de Ricardo Reis”, “O Evangelho Segundo Jesus Cristo” e “Ensaio sobre a Cegueira” são algumas de suas obras mais conhecidas.

Movimento - A prorrogação de entrada em vigor da Portaria CAT 14, da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, que institui o Sistema de Reconhecimento e Controle das Operações com o Papel Imune (RECOPI), de 1º de abril para 1º de agosto deste ano, é resultado da mobilização do setor livreiro encabeçada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL). O objetivo foi evitar prejuízos ao universo da cadeia produtiva do livro.

Exemplo - Com o objetivo de incentivar seus clientes a respeitar e preservar o meio ambiente, a Editora da Universidade Federal de Viçosa (EDT/UFV) passou a utilizar embalagens ecologicamente corretas para entrega e remessa de suas publicações e de seus produtos aos seus clientes. Além das sacolas de papel, usadas desde 2009, a partir de abril começou a utilizar caixas de papelão, com embalagens de vários tamanhos, a exemplo do sistema Sedex, usado pelos correios. Essa nova sistemática faz parte do Projeto de Educação Ambiental.

Prêmio - Publicado pela EDITUS – Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), o livro “Turismo Cultural: Estratégias, Sustentabilidade e Tendências” foi contemplado pela seleção pública de apoio a lançamento de livros promovida, em março, pelo Ministério do Turismo. O título agrupa textos de docentes do Brasil, da Espanha, Equador, Itália, Peru e da Argentina.

Estímulo à leitura - Publicada no Diário Oficial da União do dia 25 de maio, a Lei 1.244/2010 determina que toda escola tenha um acervo de

livros nas bibliotecas de pelo menos um título por aluno matriculado. E também estabelece um prazo de 10 anos para a instalação dos espaços destinados aos livros, material videográfico, documentos para consulta, pesquisa e leitura, que deverão ser administrados por profissionais habilitados.

Lei melhor - O Ministério da Cultura realizou, entre 14 de junho e 28 de julho, uma consulta pública online para ajudar a definir a redação do texto da reforma da Lei do Direito Autoral, a Lei nº 9.610/98. A nova lei flexibiliza o relacionamento entre autores e editores e incentiva a formação de novos arranjos produtivos.

Ícone - A escritora argentina Leonor Arfuch, doutora em Letras pela Universidade de Buenos Aires, apontada como um dos ícones em estudos sobre o gênero biográfico contemporâneo, veio ao Brasil para o lançamento de seu livro “O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea”, publicado pela Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em evento que ocorreu dia 17 de junho.

Concurso - “50 anos... E agora?” Este é o tema da quarta edição do Prêmio UFF de Literatura – contos, crônicas e poesias, que, este ano, oferece ao primeiro lugar de cada categoria um notebook, além do Troféu Itapuca. O concurso entra no clima das comemorações do jubileu de ouro da Universidade Federal Fluminense, mas os textos não precisam, necessariamente, abordar a instituição. Quem quiser participar do prêmio tem até o dia 16 de agosto para efetivar sua inscrição. O edital completo está disponível em <http://www.editora.uff.br/editais.html>

Gente nova - A partir de junho, a secretaria do PIDL e a organização de eventos da ABEU passaram a ser de responsabilidade de Ivan Arruda Júnior, que as terças, quartas e quintas-fei-

ras atende na sede, das 8 às 12 horas. E-mails: pidl@abeu.org.br – para assuntos relativos ao PIDL: sugestões, dificuldades, dúvidas; eventos@abeu.org.br – para assuntos relativos a feiras e eventos gerais.

ABNT - Entre 3 e 4 de novembro de 2010, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) promove o curso Padronização de Livros e Periódicos, com o objetivo de oferecer atualização aos profissionais que atuam no segmento. O evento acontecerá em São Paulo. Informações e inscrições: www.abnt.org.br.

Bienal 1 - Rubens Mandelli Nery, Ivan Arruda Junior e Sônia Silva (Editora da Fiocruz) respondem pela organização do estande coletivo da ABEU, na 21ª Bienal Internacional de São Paulo de 12 a 22 de agosto. Ao todo, são 22 editoras dividindo uma área de 300 m². Entre as diversas atividades que o estande vai abrigar, o Café Universitário é um dos destaques. Nesse espaço, com capacidade para receber cerca de 50 espectadores, estão programados bate-papos com autores, debates pertinentes ao universo editorial universitário, palestras e lançamentos.

Bienal 2 - Para incentivar professores, bibliotecários e profissionais da cadeia produtiva do livro a participarem da 21ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, os organizadores decidiram garantir acesso gratuito durante todo o evento. Basta apresentar, na portaria, um documento que comprove o vínculo com um dos setores.

Sucesso - Um público estimado em cerca de meio milhão de pessoas prestigiou a 10ª Feira Nacional de Ribeirão Preto, entre os dias 10 e 20 de junho. Entre o Café Filosófico e o Salão de Ideias, por exemplo, circularam 427 mil pessoas.

Vitrine no coração do centro carioca

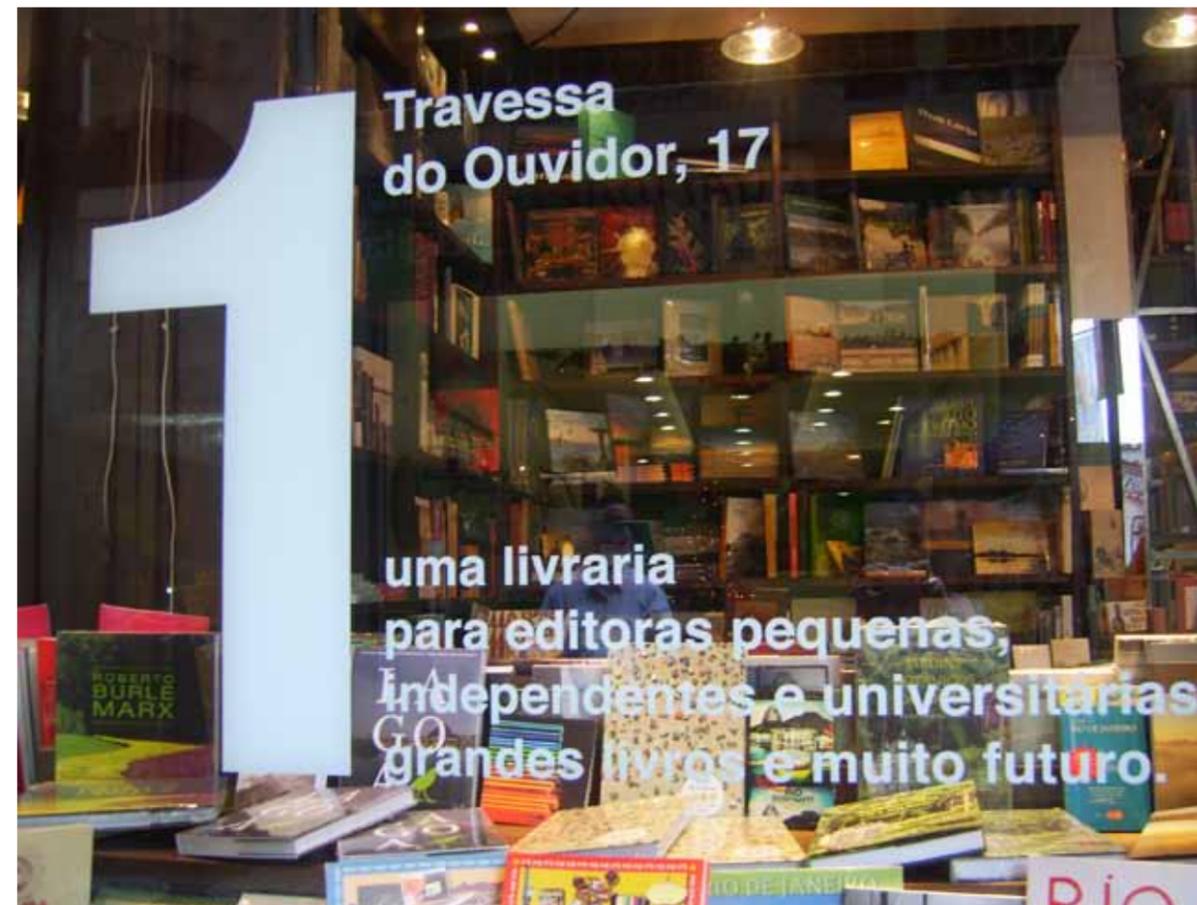
Livraria da Travessa dedica loja a editoras universitárias e independentes

Desde o final de 2009, a rede Livraria da Travessa adotou novo perfil em sua loja original, na Travessa do Ouvidor, privilegiando as editoras independentes e universitárias. Bibliodiversidade é o conceito por trás desta mudança estratégica, adotada a partir da constatação da crescente e constante demanda por títulos com poder de vendas, a curto prazo, menores do que os inúmeros *best sellers* que inundam as prateleiras do país. É o reconhecimento da força dos chamados *long sellers*, *forever sellers* ou *slow sellers* (que vendem a longo prazo, sempre ou aos poucos).

Um dos sócios da rede de livrarias, Rui Campos, explica que “focando na bibliodiversidade, buscamos ampliar as oportunidades de exposição dos catálogos completos de cada editor, sempre extremamente variados e de alta qualidade editorial”. O reposicionamento do perfil da livraria, localizada no Centro carioca, foi possível a partir da parceria da Travessa com a ABEU e Liga Brasileira de Editoras (LIBRE). As duas associações reúnem mais de 200 pequenas e médias editoras, efetivamente agentes e defensoras da diversidade editorial. A professora Flávia Rosa, presidente da ABEU, destaca:

“A Livraria da Travessa é uma referência no mercado livreiro do Rio de Janeiro. Contar com um espaço exclusivo para o livro universitário e independente na Travessa é mais que uma simples nova vitrine que se abre. Para as editoras universitárias filiadas à ABEU, esta parceria com a LIBRE e a Travessa é um marco, no sentido de ter disponível para o público-leitor – diferenciado, mas ao mesmo tempo ampliado – o que de melhor vem sendo produzido em literatura, conhecimento e cultura na academia.”

Como resultado, nos 250m² da Travessa I já é possível encontrar livros que, de uns tempos para cá, só eram comprados através de sites especializados ou à custa de muito bate-perna. Os volumes ficam agrupados nas mesas e prateleiras da loja, de acordo com suas editoras, e os atenciosos livreiros sempre estão dis-



poníveis para ajudar os clientes a encontrarem os títulos desejados.

Espaço para eventos - Para marcar a mudança de foco em suas prateleiras, a partir de janeiro a livraria passou a receber diversos eventos culturais. A começar pela reinauguração da loja, que contou com um dia inteiro de festa, com direito à declamação de poemas aos pés da estátua de Pixinguinha – depois “lavada” pelos livreiros mais antigos da rede – e a apresentação de chorinho e samba.

A partir daí, as editoras filiadas à ABEU deram início à programação de lançamentos, palestras e debates na Travessa I, levando o livro universitário para além do círculo acadêmico. A Editora Fiocruz, por exemplo, escolheu o concorrido espaço da livraria carioca para comemorar o Dia Mundial da Saúde, durante uma semana inteira, com lançamentos de livros e conversas com os autores em torno do tema.

Já a Editora da Universidade Federal Fluminense organizou na livraria, em março, o ciclo de debates “A Imprensa e o Golpe de 64”. Durante três dias, a relação entre os veículos de comunicação e a con-

trarrevolução militar foram pauta de discussões das quais participaram, entre outros, o presidente da ABI, Maurício Azedo, e o professor Aloysio Castelo de Carvalho, autor do livro *A Rede da Democracia*, lançado na ocasião.

Em maio, foram dois os lançamentos da editora na Travessa I: *Vila Mimosa*: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca, da jornalista e antropóloga Soraya Simões, e a coletânea *Walter Benjamin: arte e experiência*, criada em parceria com a NAU Editora. Para julho, devem chegar à livraria a tradução de *Teogonia*, de Hesíodo, e *A ideologia aristocrática nos Theognidea*, de Glória Braga Onelley.

Seis meses depois da implantação do conceito de bibliodiversidade e de uma política de segmentação editorial, descontos e pluralidade de eventos culturais, a Travessa I vem correspondendo às expectativas da direção da rede de livrarias. A estratégia aposta no sucesso de um olhar diferenciado para o que acontece no mercado editorial e cultural brasileiro ●

(*) Texto originalmente elaborado pela jornalista Betina Dowsley, do Arma-zém de Comunicação. Colaborou a jornalista Ana Paula Campos, da EdUFF.

Italo Moriconi

um homem das letras



ITALO MORICONI é poeta, crítico literário e Professor Associado do Instituto de Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Exerce a direção da Editora da UERJ desde 2008. Organizou as antologias *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século* e *Os Cem Melhores Poemas Brasileiros do Século* (ambos pela Ed. Objetiva), assim como o volume de *Cartas de Caio Fernando Abreu* (pela Ed. Aeroplano). Entre outros livros, é autor do perfil crítico-biográfico da poeta Ana Cristina Cesar (*Ana Cristina Cesar, o Sangue de uma Poeta*, ed. Relume Dumará). É colaborador do site Cronópios.

Em meio a tudo isso, em 2009, foi escolhido para ser o curador do Café Literário da Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro. Inovou e renovou a proposta cultural, promovendo debates com autores nacionais e internacionais sobre as diferentes etapas do processo de construção do livro. Aproveitando-se da tecnologia que facilita, sob certos aspectos e em certa medida, o cotidiano social, a conversa com Italo, com perguntas formuladas por João Canossa Mendes¹, Mauro Passos² e Marcelo Di Renzo³, foi intermediada pela Internet. A entrevista, cujo resultado você confere a seguir, objetiva revelar um pouco dos bastidores dessa experiência literária que atrai a atenção popular, bem como enfatizar sua importância para a difusão do livro e a promoção da leitura.

verbo. Como definir a importância dos cafés literários das bienais: marketing cultural ou processo cultural?

ITALO – A importância do café literário se dá nos quadros do que significa uma bienal. A Bienal do Rio é basicamente um espaço de divulgação do mercado editorial, basicamente um espaço de marketing e visibilização. Uma grande feira, uma grande festa do livro, onde os negócios ocupam uma parte pequena e se lucra pouco do ponto de vista financeiro. A Bienal é um investimento mais do que um evento rentável. Dentro dessa grande festa de celebração do livro, o Café Literário é o espaço cult que busca aproximar os leitores de seus escritores favoritos.

verbo. A mídia pesa na influência da escolha dos convidados?

ITALO – Quem determina os convidados, além das ideias do próprio curador, são as sugestões vindas das editoras, através de seus departamentos de marketing e divulgação. Essas sugestões são todas, sem exceção, analisadas e filtradas pelo curador. Na última Bienal do Rio, fui eu o curador do Café, sempre discutindo com os membros da comissão do SNEL. As discussões com a comissão do SNEL são no sentido de aprofundar questões, avaliar nomes e situações, solicitar sugestões, procurar conselhos em situações de saia justa. Mas o poder final de decisão esteve sempre na minha mão. A comissão do SNEL jamais interferiu no meu papel decisório de curador, comportou-se de maneira totalmente profissional. Eu trabalhei dentro de uma linha básica definida pelo SNEL, em cima de um diagnóstico das Bienais e Cafés anteriores, dando continuidade a tudo que tinha sido feito de correto e imprimindo algumas inflexões de rumo aqui e ali. É importante que entre os convidados para o Café Literário estejam escritores que juntem qualidade e visibilidade midiática. O critério intelectual da qualidade literária, filtrado pelo ponto de vista de atrair o interesse da fração mais cult do público mais amplo, é o que define a especificidade do Café Literário dentre os eventos da Bienal. Promover o encontro pessoal entre escritor e o público leitor é a meta.

verbo. Considerando a procura do público, os cafés são a cereja do “bolo Bienal”?

ITALO – Creio que cereja. Porque o bolo mesmo são os eventos de dramatização de textos literários com grandes atores e atrizes globais, assim como as palestras de autores de megasellers globais, como no ano passado a Meg Cabot e o Bernard Cornwell. Levei um susto quando vi a legião de admiradores que esses dois autores têm. É maravilhoso, é esse tipo de autor que efetivamente

desperta o gosto pela leitura entre jovens e adolescentes, muito mais que as obrigatórias (porém, claro, imprescindíveis) leituras escolares. Me vi refletido naqueles jovens, eu fui um adolescente e jovem que lia tudo que caía nas minhas mãos e um gênero que eu devorava eram os best sellers históricos, assim como romances policiais. Um fenômeno como Harry Potter criou e definiu toda uma geração de leitores que hoje em dia está aí, já adulta, diversificada em segmentos, seja como público leitor mais qualificado, seja como público consumidor de best sellers.

verbo. Como foi a experiência de ser curador do Café Literário na Bienal Internacional do Livro do Rio 2009?

ITALO – Foi uma experiência muito gratificante, apesar de cansativa. Aprendi muito sobre nossos escritores contemporâneos, alguma coisa sobre mercado editorial e, sobretudo, aperfeiçoou expertise na coordenação desse tipo de evento.

.....
Dentro dessa grande festa de celebração do livro, o CAFÉ LITERÁRIO é o espaço cult que busca aproximar os leitores de seus escritores favoritos.

verbo. Quais as maiores dificuldades e facilidades que você encontrou para realizar tarefa tão grandiosa?

ITALO – A dificuldade maior é conciliar agendas e ter que pensar em novos nomes quando aqueles que a gente queria convidar por algum motivo não podem aceitar o convite. Isso é realmente uma coisa de louco. A facilidade vem do profissionalismo e da eficiência do SNEL e da Fagga, a empresa que organiza as Bienais. Dá gosto trabalhar com eles. Eles possuem um senso perfeito de timing. Por ter sido sempre um animal do serviço público (algo de que me orgulho muito), me agrada conviver com a objetividade prevalecente no modo de trabalhar do setor privado.

verbo. Há oportunidade de autores (e respectivos livros) de editoras universitárias participarem nessa atividade? Como você avalia essa possibilidade?

ITALO – A possibilidade é total. No Café do ano pas-

sado, que organizei, houve autores e escritores que são típicos do circuito universitário e/ou educacional. No entanto, o Café Literário pode até ser a parte cult da Bienal, mas não é um evento acadêmico. Não há portanto lugar para o estritamente acadêmico. Acredito que o Café da ABEU possa assumir um pouco esse papel. O problema é fazer esse segmento de público deslocar-se até o local da Bienal. A Bienal é um evento destinado ao grande público e não aos *scholars* e especialistas. Estes até vão à Bienal, mas não para assistir a algo em particular, e sim como passeio. Ninguém agenda compromisso na Bienal. As pessoas entram no Café Literário por casualidade, porque estão na Bienal naquele dia e hora e aí se interessam pela programação. Claro, existe também um segmento de aficionados do Café, pessoas que vão a vários dias e sessões do Café e pessoas que já saem de casa agendadas para ir ao Café, que só vão à Bienal porque naquele dia tem alguma coisa interessante para elas no Café. De qualquer forma, o maior público das atividades da Bienal é casual, pega o programa cultural do dia em que calhou de lá estar.

verbo. Como tem sido a experiência de conjugar suas múltiplas atividades (crítico, professor universitário, poeta, organizador de antologias literárias) com as de diretor de uma editora universitária?

ITALO – Neste momento, a maior parte do meu tempo eu tenho dedicado à editora mesmo. Em segundo lugar, um ou outro compromisso como crítico, como professor de literatura, na qualidade de conferencista ou participante de eventos. Parar tudo para escrever um artigo torna-se penoso, já que o cotidiano de um editor, mesmo universitário, é o expediente comercial. Tem sobrado pouco tempo para a atividade estritamente intelectual, individual e solitária, o que às vezes me deixa angustiado e nostálgico. A UERJ me dispensa de dar aulas, embora seja sempre recomendável pegar turmas quando se está com algum cargo administrativo. Mas eu estou dando um tempo da sala de aula. Seria demais para mim. Sou uma pessoa que me jogo inteiro nas tarefas que se me apresentam e neste momento a tarefa que se me apresenta é gerir a Editora da UERJ. Faço isso com a alegria da descoberta de um mundo novo e sobretudo com dedicação em horário integral. Mesmo assim fico insatisfeito, estou sempre correndo contra o tempo, devendo decisões e respostas, dando conta apenas do urgente e do urgentíssimo. É um pouco difícil escapar do voluntarismo com que as coisas funcionam no Brasil. Eu vou tentando conduzir tudo dentro de um senso de planejamento que às vezes fica só na minha cabeça, por falta de tempo de sistematizar e socializar com a equipe, buscando manter os pés no chão, buscando ousar onde possível e valorizando

muito o trabalho dessa equipe. O mais importante é motivar a equipe a trabalhar no seu ritmo e o meu ritmo é meio frenético às vezes. Está tudo indo bem, e tenho muito orgulho da equipe da Editora. A maior parte dela já estava lá quando entrei, então respeito muito tudo que eles e elas têm para me ensinar e me ensinam muito, diariamente.

verbo. Os ambientes universitário e literário lhe são bem familiares. Entretanto, o dia-a-dia em uma editora universitária tem uma rotina bem distinta. Como tem sido a experiência de dar forma a outros livros?

ITALO - Dar forma a um livro se me mostrou tão trabalhoso quanto escrever um. Com a agravante que um editor está sempre dando forma a vários livros ao mesmo tempo, ao passo que o escritor ou organizador de um livro geralmente está dedicado a apenas um de cada vez.

.....

A Bienal é um evento destinado ao grande público e não aos scholars e especialistas.

.....

verbo. O livro universitário segue tendo um crescimento importante nos cenários da educação e da cultura, concorda? É de opinião que a ABEU contribuiu e contribui para tal incremento?

ITALO – Sinceramente, não tenho os dados de mercado sobre o livro universitário e isso é uma lacuna de conhecimento muito grave, reconheço. Acredito que caberia à ABEU ter uma sistemática de fazer esses levantamentos de mercado e repassá-los, assim como o SNEL faz em relação às editoras comerciais em geral. Ou talvez nós nos acoplarmos à base de dados do SNEL. Acredito que o grosso dos livros de interesse universitário no Brasil ainda esteja sendo produzido por editoras outras que não aquelas vinculadas a Universidades. Só vejo competitividade real na EdUnesp, na EdUSP e na EdUFMG, e mais algumas poucas, mas estou dizendo isso com base no olhómetro de consumidor. A EdUERJ ainda tem uma distribuição muitíssimo limitada, apesar de ostentar alguns títulos no catálogo que podem ser atraentes para um público universitário mais amplo. O esforço central de minha gestão na EdUERJ, inclusive como orientação da política do atual Reitor da Universidade, é ampliar o catálogo de obras universitárias de referência. Sem deixar de lado, claro, nosso papel de divulgar, através do livro, a produção acadêmica e científica interna da Universidade.

A UERJ tem em seus quadros autores de grandes best-sellers acadêmicos (gramáticas, manuais de física, livros jurídicos e na área médica, etc.), mas estes não saem pela nossa Editora e sim por grandes editoras comerciais de livros universitários. No mundo todo, assim como no Brasil, existem dois tipos de editoras universitárias vinculadas a universidades: aquelas voltadas para divulgar suas próprias pesquisas e aquelas voltadas para criar um catálogo de referência universal. A prioridade da minha gestão é a segunda opção, mas a meta permanente estratégica da Editora é atuar nos dois campos, sem descuidar da nova tarefa que está colocada para todos nós que é a da linha de publicações para formação de professores e formação de leitores, indo até a publicação de obras voltadas para o público escolar, juvenil e infantil. Existe também o segmento da terceira idade, que me interessa bastante. Hoje em dia existe a formação de um leitor quando este atinge a terceira idade e conquista tempo de lazer que lhe permite desenvolver potenciais que não pôde desenvolver em etapas anteriores da vida. Adquirir o hábito da leitura é um desses potenciais.

verbo. Como percebe a atuação da ABEU em prol de suas associadas?

ITALO – Sou muito novo no clube dos editores universitários para ter uma avaliação precisa das virtudes e defeitos da ABEU. No entanto, meu compromisso pessoal com o associativismo é total e considero da maior importância a existência da ABEU. A EdUERJ sempre participou da ABEU, desde as gestões que me antecederam, dos Profs. Ivo Barbieri, que implantou e consolidou a Editora em dez anos à frente dela, e depois pela Profa. Lucia Bastos. Atualmente, a política da EdUERJ é permanecer e fortalecer a ABEU e participar de todos os demais órgãos de representação e associação de editoras, na medida de nossas possibilidades físicas e financeiras e em função do papel que cada associação possa desempenhar. Considero fundamental o papel da ABEU na organização da participação nas Bienais, estou bastante animado com a relação entre a ABEU e a livraria Travessa Universitária no Rio e acredito que a ABEU precisa evoluir ainda mais como atuante defensora de nossos interesses junto ao Executivo e ao Legislativo federais. Mas pretendo prosseguir no diálogo com a LEU, que pode conquistar um nicho se quiser firmar-se como entidade para organizar a participação das editoras universitárias nas feiras internacionais, passando a desempenhar assim um papel de certo modo complementar em relação à ABEU. Tenho também defendido a ideia de associar nossa Editora à Libre e ao próprio SNEL se for o caso (já recebemos convite nesse sentido). A EdUERJ sempre participou da Primavera do Livro, organizada pela Libre. Porém, a

ABEU é certamente o referencial associativo primordial em se tratando de editoras universitárias. Contudo, dentre estas, eu diria que existe uma outra especificidade mais restrita que é a das editoras universitárias públicas. Creio que o imprescindível papel reivindicativo da ABEU tende naturalmente a se ocupar mais das questões ligadas aos marcos regulatórios, ainda não muito claros, referentes às possibilidades de financiamento das editoras universitárias públicas. Em suma, o foco associativo da EdUERJ permanece sendo a ABEU, sem exclusivismo. Em matéria de associativismo de empresas (e o associativismo de editoras universitárias faz parte dessa categoria), o critério fundamental é a gente ver qual o benefício que a entidade associativa traz, concreta e praticamente falando, para suas associadas. A participação da EdUERJ na ABEU depende muito do papel que a Associação tem e deve continuar a ter no apoio à ação das editoras universitárias públicas.

verbo. Nesse contexto de atuação da ABEU e retomando à questão de sua experiência na Bienal de 2009, é oportuno que a Associação continue promovendo e estimulando uma atividade como o Café Literário de modo a ser uma grande vitrine da produção acadêmica nacional, com lançamentos de todas as regiões?

ITALO – Sim, com certeza.

verbo. De que outros modos essa atividade pode contribuir com as Editoras Universitárias?

ITALO – Acho que na Bienal devemos jogar peso nas vendas com cartão de crédito e devemos também praticar preços bem promocionais, para além do desconto padrão. Pude constatar que, pelo menos na Bienal do Rio, quanto mais barato vc vende o livro, mais ele sai. Existe uma grande demanda por livros no público que freqüenta a Bienal do Rio, o que não existe é dinheiro sobrando no bolso de cada um. Acho mil vezes melhor tentar reduzir estoques abarrotados oferecendo livros a baixíssimo custo do que manter esses estoques indefinidamente, diante de nossa precária distribuição. A Bienal é uma oportunidade de ouro. A Bienal tb pode ser usada para os professores e estudantes que vão a nosso stand preencherem fichas de modo a aumentarmos nossas malas diretas de divulgação. Malas diretas que poderiam ser usadas para oferecermos livros a baixíssimo custo, tipo oferta especial para cliente especial. São apenas ideias, aos nossos departamentos comerciais e de marketing cabe avaliar e ver se é por aí mesmo ●

¹Editor-executivo da Fiocruz e vice-presidente da ABEU
²Professor, diretor da Editora da Universidade Federal Fluminense e diretor de Comunicação da ABEU
³Professor, coordenador da Editora Universitária Leopoldianum, da UniSantos e diretor *ad hoc* da ABEU

Leitura na universidade e o livro digital, na pauta dos editores universitários



Pela primeira vez, a cidade de São Paulo sediou a Reunião Anual da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), que já está em sua 23ª edição. O evento foi realizado de 7 a 10 de junho, na sede da Fundação Editora da Unesp, na Praça da Sé, tendo como tema a leitura na universidade e o livro digital.

Diante de um futuro incerto em relação às mudanças na postura do leitor e do consumidor de livros, o encontro reuniu acadêmicos e especialistas em conferências e mesas-redondas para discutir os rumos desta atividade fundamental para a formação universitária. Na cerimônia de abertura, a presidente da ABEU, Flávia Garcia Rosa, afirmou que “nós, professores universitários inseridos nesse contexto de tecnologias da informação e sociedade em rede, precisamos estar atentos para os desafios e possibilidades que este novo cenário nos impõe”.

O secretário de Ensino Superior do Estado de São Paulo, Carlos Vogt, destacou a importância da leitura e da comunicação. “Não há conhecimento sem a busca por conteúdos”, disse. Para ele, “difícilmente o livro digital levará ao desaparecimento da forma tradicional”, comparando-o aos filmes: “mesmo com todo o aparato tecnológico, continuamos fre-

quentando o cinema”. Segundo o secretário, o livro digital será mais utilizado na busca por referências e citações e não para uma leitura completa. “As duas formas terão papéis complementares”, afirma.

Já para o secretário municipal da Cultura de São Paulo, Carlos Augusto Calil, “temos ainda uma interrogação em relação ao livro digital”. Ele, no entanto, acredita que haverá mais ganho do que perda, “principalmente para os jovens que estão habituados a ler e fazer pesquisas pela internet”.

José Castilho Marques Neto, diretor-presidente da Fundação Editora da Unesp, ressaltou o papel da universidade pública na formação das futuras gerações e da importância de se estar sintonizado com os novos meios. “Tivemos a ousadia de trabalhar com dois conceitos importantes: a contextualidade eletrônica e o acesso gratuito ao conhecimento produzido nas universidades”, diz, ao apresentar o programa de livros digitais da Unesp, uma iniciativa conjunta da editora com o Programa de Pós-Graduação da Universidade, que já lançou 44 títulos inéditos exclusivamente no formato eletrônico. “Desde março, quando foi lançado, já foram feitos mais de 35 mil downloads” ●



Um público expressivo prestigiou o encontro anual das editoras universitárias realizado em São Paulo.

Novas tecnologias causam impacto à cadeia produtiva do livro convencional



Feira das Editoras Universitárias - UNESP - São Paulo 2010



Profissionais das editoras universitárias participaram do tradicional ABEU Técnico, realizado durante o encontro anual. O evento, destinado à capacitação técnica e ao intercâmbio de ideias e experiências, na sede da Fundação Editora UNESP, dividiu-se em duas Oficinas: Livraria Virtual (foto) e Edição de Livros de Não-Ficção.

Os universitários estão lendo menos? Como estimular a leitura? O livro digital ameaça as editoras e sugere o desaparecimento do livro tradicional? Ou há novas possibilidades de negócios na cadeia do livro? Estas foram apenas algumas das questões discutidas durante a XXIII Reunião Anual da Associação Brasileira das Editoras Universitárias.

Segundo Eliane Yunes, da Cátedra Unesco de Leitura (PUC-RJ), pesquisa realizada com universitários revela que o índice de leitura dos estudantes é baixíssimo ao ingressarem na universidade, mas, ao saírem, há uma melhoria significativa, da ordem de 20%. Um aspecto fundamental levantado pela especialista é o papel dos professores como mediadores da leitura, “ensinando os alunos a lerem os textos, destrinchando-os, articulando-os, correlacionando os conhecimentos”.

Outro fator identificado como estimulante é o acesso aos bens. Nesse sentido, “a internet configura-se como um instrumento facilitador”, afirma Yunes, ressaltando, entretanto, que não é neste espaço

que se forma um leitor. “A universidade pode formar novos e perenes leitores, mas cabe ao professor perceber e trabalhar a heterogeneidade de seus alunos”, referendou João Luiz Ceccantini, professor do curso de Letras da Unesp, campus de Assis e vencedor do Prêmio Jabuti 2009, com o livro *Monteiro Lobato: livro a livro*. Carlos Erivany Fantinati, docente no mesmo campus, reiterou a importância de o professor exercitar a explicação de texto que, para ele, “não se trata de apenas elencar seus elementos constitutivos, mas sim de identificar os elos e liames entre esses elementos”, tornando a leitura um desafio permanente.

Para o filósofo Pablo Ortellado, professor da USP, a digitalização do livro tem um impacto fundamental na difusão do conhecimento entre classes sociais, que antes não conseguiriam adquirir os livros. A renda familiar de muitos estudantes é inferior ao valor da bibliografia solicitada em cursos universitários. Sem a digitalização deste conteúdo, eles não teriam uma formação adequada, como explica Ortellado, que também é coordenador do Grupo de

Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (GPOPAl). “Podemos fazer um comparativo com a indústria fonográfica, que precisou se reinventar após a digitalização da música. Eles utilizam a disseminação de arquivos em MP3 para divulgar o produto. E seu modelo de negócio passou por reestruturações”, diz Ortellado, para quem as editoras deverão repensar seus modelos de negócios.

Segundo dados do Observatório do Livro e da Leitura, pelo menos 3% dos leitores brasileiros são adeptos de mídias digitais (dados de 2008). “O livro digital veio para ficar”, afirmou o diretor da entidade, Galeno Amorim. Nesse sentido, Flávia Garcia Rosa, presidente da ABEU, foi enfática ao afirmar que “os professores universitários devem estar atentos aos desafios e possibilidades deste novo cenário”.

Ainda não há números oficiais sobre a venda de conteúdo digital no Brasil, mas estima-se que cerca de 7 milhões de habitantes baixem livros diariamente pela internet e, destes, a maioria são jovens de 14 a 17 anos. Segundo o secretário Municipal de Cultura de São Paulo, Carlos Augusto Calil, há um esvaziamento nas bibliotecas de universidades, pois “os alunos preferem pesquisar na internet a buscar livros na biblioteca”.

Mudanças no mercado editorial – Se de um lado há uma perspectiva de ampliação de acesso aos bens culturais, o livro digital impõe novos desafios para a indústria livreira. Durante a reunião, alguns participantes expuseram suas primeiras experiências com o livro digital. No caso da Imprensa Oficial de São Paulo, Hubert Alquéres, presidente da entidade, diz ter ficado muito surpreso com a quantidade de *downloads* e revelou que “algumas pessoas que baixam o livro, depois de ler, procuram o exemplar em papel, o que vai na contramão da ideia de que o digital substitua o tradicional”.

Já o editor executivo da Editora Unesp, Jézio Hernani Bomfim Gutierre, contemporiza: “O *e-book* não deve ser considerado uma salvação para a difusão e tampouco o fim das editoras.”

Experiência espanhola - Dentre os estrangeiros, Antonio Ávila Álvarez, diretor executivo da Federación de Grêmios de Editores de España, e Inés Miret, diretora da Neturity/Madri, apresentaram uma pesquisa sobre o impacto da digitalização no

catálogo, canais de distribuição e vendas e políticas de preços na Espanha. Algumas constatações: por lá, os editores já admitem uma queda no preço de capa, para o formato virtual, entre 30% e 50%. E a aposta é que em oito anos a receita com a venda de livros digitais ultrapasse o volume de vendas de livros impressos em papel.

Dados da Fundação Germán Sánchez Ruy Pérez apontam que, naquele país, dos 50 primeiros livros mais visitados da Biblioteca Hispânica Digital, 40 são novos. “Até o fim de 2010, esperamos disponibilizar na rede cinco mil títulos”, diz Álvarez.

Para o diretor-presidente da Editora Unesp, José Castilho Marques Neto, o encontro representou um marco para que as editoras universitárias se situem em relação ao que está acontecendo. “Ninguém tem certeza do que virá daqui para frente, mas essa é uma discussão substantiva que nos dá maior tranquilidade para buscar novos caminhos”, disse.

Assembléia – No último dia da Reunião Anual, as atenções voltaram-se para a assembleia geral da ABEU, da qual participaram apenas os representantes das editoras associadas. Na primeira parte, discutiu-se a polêmica do chamado “Qualis Livro”, sendo aprovada a proposta de promover-se uma ação pontual junto à CAPES para tratar da questão. A seguir, a presidente Flávia Rosa apresentou um balanço das atividades realizadas neste primeiro ano de sua administração. A seguir, as Diretorias Regionais realizaram reuniões específicas de suas áreas de atuação, apresentando os resultados em uma plenária de encerramento, na qual também foi aprovada a candidatura da Universidade Federal de Alagoas para sediar o encontro de 2011 •

(*) Estes textos foram originalmente elaborados pela jornalista Thea Rodrigues, da Pluricom.

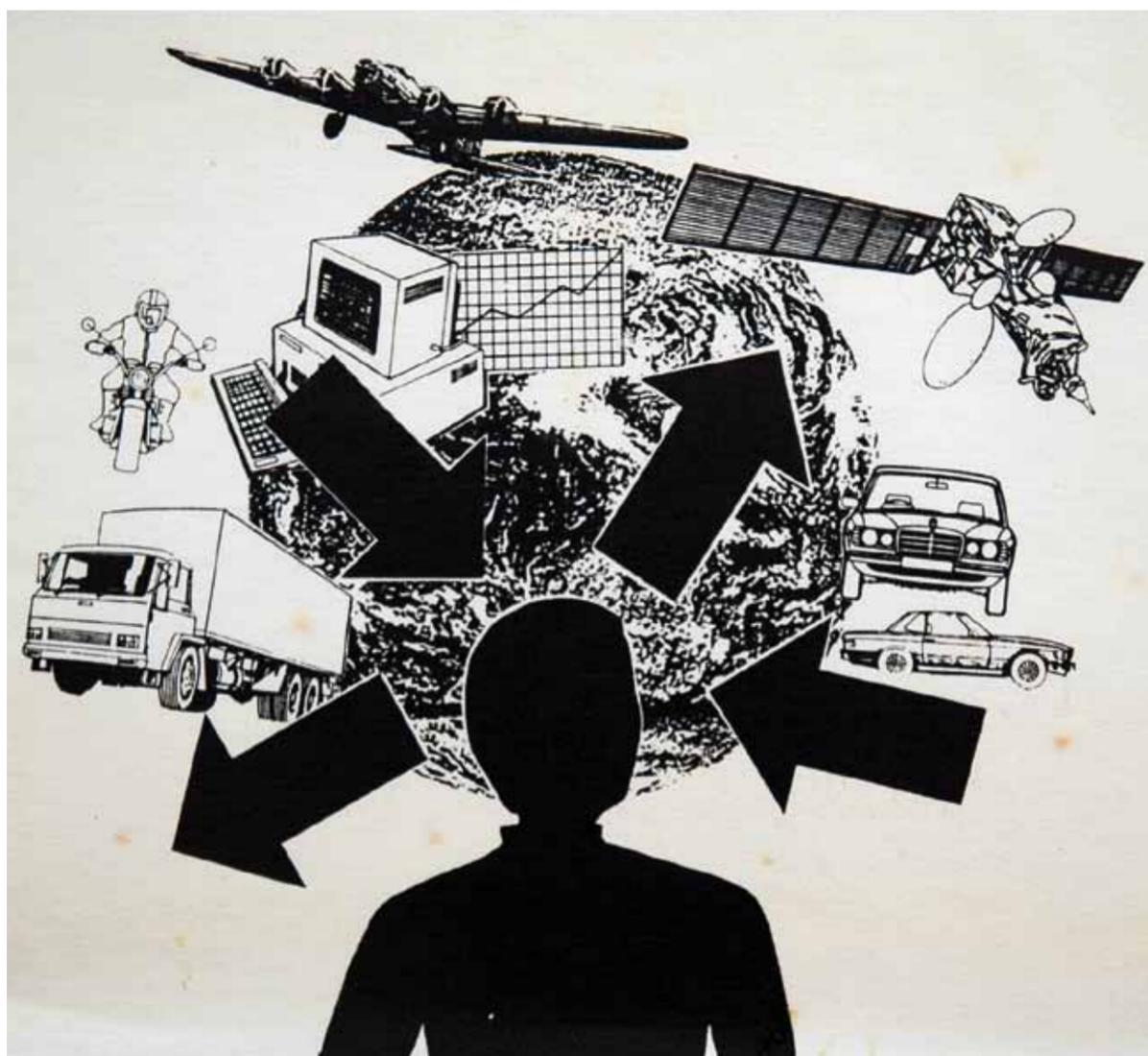


O público de São Paulo ganhou um presente extra com a Reunião Anual da ABEU: uma inédita Feira de Livros das editoras universitárias, organizada pela equipe da Editora UNESP. Instalada num endereço privilegiado, a Praça da Sé, atraiu um bom público a ponto de ter seu prazo dilatado e a promessa de transformar-se em evento anual.

Pela difusão do saber

Carlos Erivany Fantinati

Professor aposentado da Faculdade Ciências e Letras de Assis/UNESP.
Diretor da Editora UNESP de 1991 a 1993



Acervo da Galeria de Arte Espaço Universitário da Ufes, Luiza Kotaira - Tecnologia - 11x16cm, 1994.

Com respeito à recepção de originais oriundos da universidade, talvez se pudesse afirmar que o comportamento habitual das editoras universitárias tem se caracterizado pela passividade, cabendo, no geral, ao autor, aos departamentos ou a setores interessados a iniciativa para que um texto seja editado. Nessas publicações a tendência dominante raramente é orientada por motivos de ordem didática, ou seja, pela racionalização e facilitação do ensino. Isto se deve a fatores que vão desde a posição da universidade diante do professor e do ensino até a visão tradicional do saber na cultura brasileira. Na universidade, tolera-se um docente tido como um cientista ou intelectual de certo valor, ainda que seu desempenho como professor seja marcado pela negligência e mesmo ineficiência. Por outro lado, considera-se como inaceitável o inverso: um professor de boa qualidade, que se empenha na formação de seus alunos, cuja produção de currículo, no entanto, seja quantitativamente irrelevante. Juntamente com a desvalorização do ato docente, a universidade também não preza a dedicação de tempo ao trabalho de síntese do conhecimento existente, dirigido para a elaboração de um manual básico, considerando-o menos útil e muito menos valioso do que a chamada produção de pesquisa original, cuja relevância ironicamente se esgota na maioria das vezes num mero acréscimo de um item à produção científica do professor. A visão negativa do ato docente e dos manuais pela universidade têm raízes históricas naquilo que foi chamado de “perversão da Aufklärung” em nossa história, em que o saber decaiu, em boa parte, do ideal ilustrado, teoricamente universal e altruísta, para o nível de um saber de classe e de grupo, usado como um instrumento de dominação a serviço da segregação da maioria do povo do universo letrado.

Diante dessa tradição perversa e de sua manifestação sob a forma de depreciação do ensino na universidade poderia caber às editoras universitárias um ativo papel básico de renovação e emancipação, caso decidissem estimular e induzir professores a produzir manuais, livros de textos, publicações de apoio à formação e de edições de obras de referên-

cia, realizados por especialistas universitários das diferentes áreas do conhecimento. Sua atuação deveria ser implementada por meio de ações concretas junto às pró-reitorias de pesquisa, de graduação e de pós-graduação, com propostas de pesquisas que pudessem preencher carências na área do ensino. Os materiais produzidos encontrariam pronta e ágil recepção e atendimento em coleções voltadas para a formação não só dos leitores jovens mas do público interessado em geral.

Um exemplo de tentativa recente feita por editora universitária para encarar o desafio é a “Coleção Paradidáticos” da editora UNESP, “constituída de obras sobre ciência e cultura com conceitos e questões de grande complexidade tratados de maneira elucidativa e acessível”, conforme se lê em seu catálogo 2009/2010, que lista 22 títulos, mas que, infelizmente, parece ter estacionado nessa quantidade. Num plano já associativo, convém lembrar o caso notável das editoras universitárias francesas, que, em 1941, lançaram a Coleção “Que sais-je”, considerada a primeira enciclopédia de bolso com seus atuais 3.900 títulos, traduzida para 43 línguas, constituindo-se numa das mais importantes bases de dados internacionais, escrita para o grande público por mais de 2500 especialistas, exercitando o que é chamado pelos franceses de “alta vulgarização” e pelos ingleses de “alta popularização”. Num país como o nosso, marcado pela fragilidade cultural do estudante, do público e mesmo de parte da elite, uma coleção como esta teria um impacto relevante, como se viu quando do lançamento da Coleção Primeiros Passos, pela Brasiliense, em 1980, coleção que necessita ser avaliada. No caso da “Que sais-je” original são de lamentar dois pontos: 1. o êxito limitado alcançado pela tentativa de sua tradução como “Saber Atual” pela Difusão Europeia do Livro a partir de 1958; e 2. a não apropriação de sua tecnologia com o devido ajustamento ao contexto nacional pela Universidade de São Paulo, que resultasse em uma coleção brasileira semelhante, o que teria carreado forças decisivas para a luta contra as tradicionais distorções sofridas pelos ideais educacionais ilustrados no Brasil ● cefantinati@uol.com.br

El futuro del libro

Antonio M^a Ávila

Director Ejecutivo de la Federación de Gremios de Editores de España



El mundo en que vivimos es un mundo excesivamente publicado con debates (y falsos debates) continuos que llaman la atención de los medios de comunicación y, que a veces no tiene nada, ni de riguroso, ni de real. A mi juicio, uno de ellos es el futuro del libro.

Parece como si la irrupción de las nuevas tecnologías (un oximoron porque siempre hay nuevas tecnologías) fueran a acabar con el mundo del libro.

Pues bien vivimos ahora una “revolución” (palabra muy gastada) digital, que no es ni la primera, ni será la última modificación tecnológica que ha vivido el mundo del libro. De hecho, la configuración actual del mundo del libro tal y como la conocemos, esta íntimamente relacionada con la revolución industrial (que separa la figura del editor, del librero e impresor) y que es sustancialmente distinta a la existente con anterioridad a mediados del siglo XIX. Por tanto siempre ha habido modificaciones. Y el mundo del libro no ha dejado de sufrir modificaciones y variaciones desde entonces, exactamente como ha ocurrido con otros sectores económicos.

Por tanto, la novedad no es tanta, ni tan nueva y vuelve a ser cierto aquello de “nihil novum sub sole”.

La gran novedad del mundo digital para el mundo del libro (dejando al lado las implicaciones en la producción y comercialización del libro), es la irrupción junto a los agentes habituales, autor, editor, librero, de nuevos operadores, por un lado los fabricantes de “cacharrería” y los operadores de telecomunicación y buscadores. Todos ellos con intereses muy distintos al mundo del libro y con mayor fortaleza económica y financiera. Así, los fabricantes iniciaran una larga marcha de cambios continuos de los soportes (es la esencia de su negocio, con e-readers cada vez mejores y mas rápidamente obsoletos y sin preocupaciones por los contenidos) y por otro, los operadores y buscadores, cuyo negocio es el tráfico digital de lo que sea, conversación, imágenes, etc ya que tienen que llenar las 24 horas del día y los 365 días del año de contenidos , de sus grandes infraestructuras para hacerlas rentables.

Estos nuevos agentes, tendrán que aprender que el mundo del libro, es una planta delicada y frágil pero con salud de hierro y con los que antes o des-

pués tendrán que pactar un “modus vivendi” y que nuestros productos, las ideas, las palabras son tan o mas nobles que los soportes y lo lógico es una coalición inteligente donde cada una aporte lo que sabe.

Estos nuevos agentes son los que han iniciado una fortísima presión para introducir sus aparatos o una concepción casi anarquista del ordenamiento jurídico en materia de Propiedad Intelectual para facilitar el tráfico (aunque sean muy celosos y rigurosos en la defensa de sus patentes) y convencernos que el futuro son ellos aunque la realidad aplastantes es que las cifras de facturación 2% en EEUU, 1,33 en España, en torno al 1% en Francia, Reino Unido, Alemania, muestra que la instalación del famoso libro digital va para largo , que se necesitan amplios periodos de transición y adaptación y que su utilidad en algunos subsectores (enciclopedias, libros de viajes, legislación y jurisprudencia) es clara, mientras que en otros como literatura, literatura ensayos es mas difícil porque la pantalla plantea problemas cognitivos a la mente humana y obliga a un tipo de lectura distinto, mas fragmentaria, menos continua.

En resumen, las gentes del libro debemos trabajar con rigor y en lo que sabemos, hacer buenos y bellos libros y fomentar la creatividad, el soporte es instrumental aunque sea inteligente saber utilizarlo.

Como muestra de ello, la Federación de Gremios de Editores de España, conjuntamente con la Fundación Germán Sanchez Ruipérez hace 8 años promovió el SOL (www.sol-e.com) que es un recomendador “sui generis” de libros infantiles y juveniles adaptadas a las diversas edades de colaboración del que nos sentimos orgullosos.

Después promovimos el DILVE (www.dilve.es) como instrumento de distribución y agitación comercial e introductor de nuevas tecnologías y metodología de trabajo, en las que operan mas de 2.000 operadores y tiene 250.000 libros vivos y, posteriormente, a partir de DILVE, pusimos en marcha ENCLAVE (www.dilve.es/enclave) tanto como un curso de formación acelerada en edición digital para los editores como experimento comercial y contando con los agentes tradicionales.

Y además lo complementamos con el proyecto europeo ARROW, de crear una gran base de datos de obras huérfanas que faciliten su comercialización ●

Metadatos, estándares e intercambio de información normalizada sobre el libro en venta*

Inés Miret¹

Consultora especializada em temas relacionados com a leitura, o livro e as bibliotecas

Las líneas que siguen tratan de destacar el valor, para la industria del libro en general y para el libro electrónico en particular, de disponer de metadatos ricos y normalizados en torno a un estándar internacional.

La información digital, completa y puesta al día, es imprescindible para hacer presente el libro en su ciclo completo de vida en el mercado (e incluso más allá de ese período) y, por tanto, para incorporarlo a los canales de información, promoción, distribución y venta.

De hecho, el número y la tipología de consumidores de información en formato digital sobre el libro crece continuamente (distribuidoras, tiendas en línea, librerías, bibliotecas, medios de comunicación, entornos web especializados en libro y lectura...), pero cada uno de ellos plantea necesidades diferentes en cuanto a la tipología de contenidos, a los formatos y a los mecanismos de recepción de la información.

Por otra parte, la visibilidad de la oferta editorial en entornos físicos (librerías, ferias, bibliotecas...) es y será siempre limitada. Estos espacios solo tienen

capacidad para mostrar una pequeña proporción de la oferta de títulos existentes y ni siquiera alcanzan a hacer visible la totalidad de la novedad editorial.

Sin un estándar que haga posible que todos los agentes de la cadena del libro hablen la misma lengua, generen, transmitan e intercambien la información (incluidos textos, imágenes, audios, vídeos...) a lo largo de la compleja secuencia que constituye la cadena de valor del libro, el necesario flujo de datos sería inviable tanto desde el punto de vista técnico como económico.

En el caso del libro digital, esta necesidad es aún más clara. La información sobre el libro deja de ser un valor añadido para ser un requisito, puesto que todas las transacciones se realizan en entornos virtuales. Para el comprador potencial, el libro es la información que sobre él exista en el canal. Si en el caso del libro impreso un estándar de información es una herramienta que permite complementar, mejorar o, en ocasiones, sustituir la experiencia con el objeto físico; en el caso del libro digital, el estándar se convierte en una herramienta insustituible, ya que sin unos metadatos normalizados el flujo de información entre los diversos agentes no sería posible.

El origen del estándar ONIX (ONline Information eXchange)¹, cuya primera versión surge en el año 2000, está en el auge de Internet y de las librerías virtuales en los Estados Unidos (concretamente, Amazon y Barnes & Noble) a partir de mediados de los años noventa. Su desarrollo se basó en la necesidad de un estándar internacional para el intercambio electrónico de información en la industria del libro.

ONIX for Books define un marco que permite intercambiar información muy rica y detallada. El objetivo es que se pueda sustituir (en parte o completamente) la experiencia física de tocar y hojear el libro, por una experiencia virtual basada en datos, muestras de contenido, imágenes... que minimicen la necesidad de acceso al objeto impreso.

ONIX permite un marcado completo de la obra,

que incluye datos bibliográficos, de comercialización y distribución junto con la posibilidad de referenciar otros contenidos (resúmenes, fragmentos, críticas, premios, biografías, imágenes de cubierta e interior, audios, vídeos...). Se trata de un estándar abierto, basado en XML, que ha sido creado y mantenido desde sus inicios por el sector editorial. Está refrendado por noventa entidades de diecisiete países y, actualmente, está gestionado por una entidad independiente, EDItEUR, conjuntamente con la Association of American Publishers (AAP), la Book Industry Communication (BIC) y el Book Industry Study Group (BISG).

En relación con los procesos de estandarización, el mundo del libro está buscando soluciones orientadas a optimizar los intercambios de información, con la mirada puesta en dos ámbitos de trabajo complementarios. En primer lugar, el de la normalización y la mejora de la calidad de la información en torno a ONIX. El objetivo es hacer converger a los distintos agentes de la cadena del libro en el uso del estándar, con el fin de incrementar la cantidad y el rendimiento de los intercambios de información entre ellos, con la idea de que los datos serán mejores, se compartirán más frecuentemente y su integración en las iniciativas del sector será más ágil y eficaz. Incluso, existen incluso iniciativas de certificación de la calidad de los datos en torno a ONIX, como las promovidas por la agencia BookNet Canada² o por la Australian Publishers Association³.

De manera complementaria, han surgido plataformas para el intercambio de metadatos del libro entre los profesionales, basadas en el estándar ONIX. Estas herramientas realizan las operaciones de distribución de información minimizando el esfuerzo tanto de los editores (mediante la incorporación y la normalización de los datos en una operación única) como de los consumidores de información (en la recepción de los mismos según sus demandas y requisitos). La existencia de este tipo de servicios de información no solo agiliza las tareas asociadas a la creación, recepción y reutilización de la información, sino que da una visibilidad extraordinaria al conjunto de la oferta editorial en entornos heterogéneos de trabajo y consulta.

*Este artículo está basado en el informe elaborado por la misma autora para el Ministerio de Cultura, en el marco de iniciativa del Observatorio del Libro y la Lectura de disponer de un documento sobre el "Libro Electrónico", a partir de los informes parciales elaborados por diversos especialistas. El informe resultante está disponible en: http://www.mcu.es/libro/docs/MC/Observatorio/pdf/LIBRO_ELECTRONICO_2010.pdf

¹En www.editeur.org, que es la entidad responsable del mantenimiento de ONIX junto con AAP, BIC y BISG, hay documentación detallada. Para el caso español en www.dilve.es/onix está disponible la documentación técnica traducida y adaptada así como un servicio de asistencia técnica.

²BookNet Canada booknetcanada.com

³Australian Publishers Association www.publishers.asn.au

En España, desde el año 2006, está en funcionamiento DILVE (*Distribuidor de Información del Libro en Venta en España*)⁴, promovido por la Federación de Gremios de Editores de España con el apoyo de la Fundación Germán Sánchez Ruipérez y el patrocinio de CEDRO.

La plataforma DILVE es un sistema basado en Internet para la gestión y distribución de información bibliográfica y comercial del libro. Incluye herramientas para las editoriales (para dar de alta, gestionar, actualizar, traducir y distribuir sus datos) y para los consumidores de este tipo de información: distribuidoras, tiendas en línea, librerías con acceso a Internet, bibliotecas, medios de comunicación, webs de libros y lectura...

Los contenidos y la estructura de la información bibliográfica almacenados en DILVE están basados en el estándar internacional ONIX, pero ONIX no es un requisito para el editor que integre sus datos en DILVE. Por otra parte, DILVE permite extraer la información en distintos formatos y mediante distintas vías de acceso, adaptados a cada consumidor de información y a sus requerimientos técnicos. Asimismo, dispone de mecanismos de explotación no interactivos: API vía HTTP y un servidor OAI-PMH.

En junio de 2010, DILVE cuenta con más de 1.860 usuarios, entre los que figuran editoriales españolas; distribuidoras, librerías, tiendas en línea y bibliotecas de todo el mundo; desarrolladores y otras entidades relacionadas con el libro y la lectura.

El trabajo coordinado en el sector en España, específicamente entre los editores (mediante FGEE), los distribuidores (por medio de FANDE) y los librerías (con la colaboración de CEGAL) ha permitido avanzar en la integración de las diversas herramientas disponibles para optimizar los procesos de intercambio de información.

En el acto de presentación de DILVE, en el contexto del VI Congreso del Grupo Iberoamericano de Editores que tuvo lugar en Madrid, en octubre de 2006, se firmó un acuerdo para poner en marcha vías de colaboración en torno a esta iniciativa, que

abordaban expresamente los temas referidos a la estandarización, a la formación y la creación de herramientas informáticas que simplifiquen los intercambios de información normalizada en la cadena del libro. Estos acuerdos pueden ser un buen marco para desarrollar estos temas en el futuro ●

⁴Fue asesora del Ministerio de Educación y Ciencia, responsable de contenidos digitales del Grupo editorial Anaya y, desde 1999, ha promovido diversos proyectos desde una iniciativa empresarial propia (Neturity, S.L.). Entre los proyectos relacionados con el libro y la lectura, ha desarrollado iniciativas sobre metainformación digital del libro (DILVE – Distribuidor de Información del Libro Español en Venta www.dilve.es), proyectos para la promoción de la lectura por medio de internet (SOL – Servicio de Orientación de Lectura www.sol-e.com y PLEC – Proyecto de lectura y escritura de centro www.plec.es), programas sobre alfabetización informacional (Es de libro www.esdelibro.es), acciones para la creación de redes virtuales de bibliotecas públicas (Red de sedes web de las bibliotecas públicas www.bibliotecaspublicas.es) o proyectos para la integración de obra sujeta a derechos de autor en bibliotecas digitales (Enclave www.dilve.es/enclave). Es la coordinadora del Grupo de expertos en lectura y bibliotecas de la OEI.

Neturity miret@neturity.com

⁴DILVE www.dilve.es. En diciembre de 2009, DILVE gestiona 275.000 títulos aportados por 636 editoriales, entre las que se encuentran todos los grandes grupos, editoriales literarias de prestigio y libros de éxito, editoriales de libro universitario, editoriales jurídicas y especializadas en libro científico-técnico.

Acervo de Galeria de Arte Espaço Universitário da Ufes,
Joyce Brandão - *Xô passarinho* - aquarela, 34,8x27cm, 1980



Eu, também, não acredito no fim do livro

Vitor Tavares*

Presidente da Associação Nacional de Livrarias



Acervo de Galeria de Arte Espaço Universitário da Ufes, Carlos Scliar - nanquim, 31x27cm, 1946

*vitor@livrarialoyola.com.br

“(…) o e-book não matará o livro - como Gutenberg e sua genial invenção não suprimiram de um dia para o outro o uso dos códices, nem este, o comércio dos rolos de papiros ou volumina. Os usos e costumes coexistem e nada nos apetece mais do que alargar o leque dos possíveis. A fotografia matou o quadro? A televisão, o cinema? Boas-vindas então às pranchetas e periféricos de leitura que nos dão acesso, através de uma única tela, à biblioteca universal doravante digitalizada.”

Busquei este comentário na quarta capa de um livro, em papel, com o título: *‘Não contem com o fim do livro’* (Ed. Record), em que Umberto Eco e Jean-Claude Carrière travam uma boa e pertinente conversa, intermediada pelo jornalista Jea-Philippe de Tonnac, que falam sobre a vanguarda do livro eletrônico. Livro, este, que foi lançado no mesmo período, entre 07 e 10 de junho de 2010, em que simultaneamente ocorria, em São Paulo, na sede da Editora Unesp, a XXIII Reunião Anual da ABEU com o tema: *‘A leitura na universidade e o livro digital’*.

Se eu não tivesse tido contato com o livro de Eco e Carrière, sairia do encontro, mais precisamente da mesa, em que participei como debatedor — sobre *‘Livro digital: pesquisas sobre o impacto da distribuição no catálogo, canais de distribuição e vendas, políticas de preços – o caso espanhol’*. Projeto piloto Enclave: integração da obra com direitos em bibliotecas digitais. Após a excelente e clara apresentação dos representantes da Espanha, Sr^a Inés Miret (Diretora de Netrury/Madrid) e Sr^o Antonio Maria Ávila Alvarez (Diretor Executivo da Federacion de Grêmios de Editores de España) – com a sensação de que estamos, realmente, presenciando, o fim do livro em papel.

Paralelamente, o livro me fez recordar de outro autor e seu clássico do final dos anos 80, também em papel, Francis Fukuyama com o seu estudo publica-

do, igualmente, em livro, intitulado: *O Fim da História*, no qual afirmava que o surgimento dos movimentos reformistas na Europa Oriental, marcaria a vitória do mundo capitalista, sobre o Ocidente. Fukuyama tinha razão, a partir daquele período, a história tomou outro rumo, porém não chegou ao fim. Vejamos, após a publicação da tese de Fukoyama e da queda do muro de Berlin, quem poderia imaginar que a China socialista se apresentaria, hoje, entre a mais pujante e sólida “economia de mercado”. A história não tem fim e cada geração vai deixando seu legado e a reescreve em seu contexto. Assim, também, será com o livro em papel e quem apostar no seu fim terá de deixar escrito uma outra história.

Obviamente, nós editores, autores e livreiros não podemos fechar nossos olhos para o novo. A palavra na ordem do dia é inovar, criar. Criatividade e inovação, adjetivos que fazem parte da essência humana e, praticá-las, é um dos caminhos a seguir no atual momento, presenciado por nós.



Vender livros em terras brasileiras onde não há, na maioria dos cidadãos, o prazer pela leitura, nunca foi fácil e editores e livreiros, a cada tempo, depararam-se com novos desafios. Entre alguns destacados, a concorrência desleal, por parte de alguns varejistas do setor; práticas comerciais agressivas;

falta de boas livrarias em várias cidades do país; problemas na circulação e distribuição dos livros em uma nação continental como a nossa; uma melhor educação de base; e principalmente, o baixo índice de leitura da população. Todo esse elenco de problemas no nosso setor, nos leva, a pensar que o livro eletrônico é só mais um desafio a ser enfrentado por todos. Ele está aí, cedo ou tarde baterá em nossas portas e vamos ter de conviver com ele.

O livro eletrônico, como tudo que é novo, às vezes, pode nos parecer ameaçador, principalmente, quando acreditamos que estamos em uma área de conforto. Ai é que está o problema. Deixamos para depois o que deve ser enfrentado agora. O novo, geralmente, mais do que uma ameaça, pode ser uma grande oportunidade para muitas ações positivas. E não será diferente com o e-book.

Claro que o livro eletrônico é provocador, as novas tecnologias nos encantam, mas daí dizer que substituirá 100% os livros físicos, acredito ser muito difícil. Vejamos se quem inventou o livro eletrônico buscava portabilidade, acessibilidade, praticidade, agilidade e conteúdo para todos, não pode esquecer que tudo isso, também é possível de se encontrar no livro impresso. Esta uma invenção quase perfeita, pois contempla tudo isso. E não podemos deixar de falar do glamour, do cheiro, do encanto e da paixão em ler e foliar um livro de papel, sensação que nenhuma tecnologia conseguirá substituir.

Claro que o e-book tem suas vantagens e será uma excelente ferramenta de trabalho para o pesquisador, o professor, o jornalista, o jurista e para os leitores habituais, que consomem um número de livro acima da média. Para esses leitores, por exemplo, o livro eletrônico será de grande utilidade. Agora pense: se o livro em papel, de fato, acabar, como farão os colecionadores de obras raras, como o saudoso bibliófilo José Mindlin e seu enorme esforço para obter, após várias tentativas, um exemplar da primeira edição de *O Guarany*, em papel, é claro. E, por fim, o que seria do leitor de um ou dois exemplares que são lidos por ano, considerada a média nacional. Que interesse ele teria em uma prancheta que armazena mais de 1.500 títulos?

Se os livros publicados por ano no país e mais, boa parte da nossa bibliodiversidade, forem substitu-

ídos por e-books, estaríamos contribuindo para a formação da “elite” do livro eletrônico e excluindo milhões de brasileiros que não têm acesso e nem condições financeiras às novas tecnologias, que só o livro pode preencher essa lacuna e, ainda, propicia a difusão da leitura, do conhecimento e do saber para todos.

O livro faz parte da história da humanidade, independentemente do formato e época. Ele foi e é a invenção mais perfeita do homem para registrar tudo que o ser humano criou, pensou e desenvolveu como inclusive a invenção do e-book, as histórias da internet ou, mesmo, as biografias de grandes mestres da inovação tecnológica, como Steves Jobs – Apple, Bill Gates – Microsoft, entre outros, que lançam seus livros primeiramente em papel e defendem seus direitos como qualquer outro autor.

Temos aqui, outra questão, de grande importância, os Direitos Autorais. Outro desafio a ser enfrentado na era do e-book, para o qual, ainda não encontraram solução. Como controlar com segurança, na web, os conteúdos que hoje estão em livros quando esses forem digitalizados e transformados em e-books? É de conhecimento de todos que a pirataria na rede é cada dia mais comum e muito rápida.

Quantos desafios nos aguardam! Para nós, livreiros e editores, seja com livros eletrônicos ou em papel, não perdemos o momento histórico em que passa tecnologicamente a humanidade e no nosso caso o produto livro. O caminho, a seguir para a manutenção das nossas atividades, é buscar parcerias com empresas sérias de tecnologia, que já dominam e detém alguma experiência em trabalhar com essa nova realidade e, jamais, desprezar seja o livro em papel ou mesmo o e-book. Tenho toda certeza e acredito que ambos conviverão juntos por muito tempo.

Temos de estar unidos, promovendo e participando de encontros como XXIII Reunião Anual da ABEU, levantando e debatendo assuntos atuais, fortalecendo a cada dia o nosso setor e continuar propagando este indispensável e milenar produto “o livro impresso”. Temos ainda, de nos adaptar a nova e bela realidade tecnológica: o e-book ou se preferirem chamá-lo como livro eletrônico. Acredito que esse é o caminho ●



A 'Revolução' dos E-Books

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Professor, Editor Executivo da Fundação Editora da UNESP

São muitos os desafios com que se defronta a sociedade contemporânea da informação. O mundo editorial, em particular, está sendo sacudido por incertezas e enfrenta encruzilhadas que definirão o panorama do setor pelos próximos decênios. Esse quadro turbulento não é, entretanto, inesperado. Não parece exagero afirmar que estamos vivenciando uma revolução, e revoluções não são usualmente plácidas.

Mas se admitirmos o diagnóstico e aprofundarmos essa imagem, surgem algumas perguntas capitais, semelhantes àquelas que assediam estudiosos de revoluções políticas. Talvez a primeira e mais trivial dentre elas esteja associada à própria identificação dessa profunda transformação: qual o traço essencialmente 'revolucionário' desse período? O que, afinal, dá lastro à distinção abrupta e radical desses novos tempos relativamente a épocas precedentes? Ao menos no que se refere ao mundo editorial, a vaga desestabilizadora do panorama vigente decorre diretamente da extensiva utilização da internet e, mais recentemente, da chegada dos e-books. Toda a aparente solidez dos processos de produção, distribuição e venda de conteúdos – não apenas de livros! – desmancha-se no ar e cada uma dessas etapas passa a ser considerada sob uma nova luz.

Aprofundemos o paralelo da recente revolução digital com as demais revoluções, políticas ou tecnológicas. Como em toda revolução, existem aqueles setores que ganham e os que perdem com o novo cenário, e uma avaliação apropriada do conteúdo da revolução estudada só será alcançado quando chegarmos a imagem mais nítida de quem perde (e o que perde) e de quem ganha (e o que ganha) com as novidades. O significado de uma revolução só pode ser judiciosamente definido quando se chegar a um balanço crível dessas vantagens e desvantagens.

www.editoraunesp.com.br

Mas é justamente aí que esbarra o esforço analítico dos contemporâneos de uma revolução: é tremendamente difícil atribuir vitória ou derrota, perdas ou ganhos definitivos em meio às incertezas do novo. Tomemos o exemplo aparentemente mais seguro da presumida disseminação da informação associada à internet e e-books. É ao menos imaginável – e imaginado por um bom número de comentaristas – que o caminho seja exatamente o inverso e que a massa caótica de dados a que somos expostos inaugure uma época de informação cada vez mais claudicante e imperfeita. E a atribuição de perdas, tanto quanto a de ganhos, também é cheia de interrogações. Vozes qualificadas há algum tempo já decretaram a premente morte do livro papel e o desaparecimento de bibliotecas. Essas previsões simplesmente não se confirmaram.

A moral dessa história (ou da História) é prudente: cuidemo-nos de vaticínios radicais ou rígidos. É tentador fugir do lugar comum e falar, como Mike Shatzkin, influente consultor de tendências editoriais, que as grandes livrarias terão no máximo mais 10 anos de vida, ou, como previsto por pesquisa divulgada na Feira de Frankfurt de 2009, que os e-books superarão os livros papel por volta de 2023. Embora ostentadas como fatos, essas são apenas conjecturas. Feliz ou infelizmente, a única certeza que temos hoje é a certeza da incerteza.

Essa conclusão contida evidentemente não equivale à adoção de um ceticismo estático. Pelo contrário, a falta de diagnósticos confiáveis para o médio prazo impõe alerta constante e exige reação imediata a uma realidade que a todo momento pode nos surpreender. Muito está em jogo em cada uma das escalas intelectuais, editoriais e comerciais do livro e cabemos a tarefa complexa e urgente de reconsiderar as bases da leitura e da escrita, bem como de redimensionar os papéis e funções de todos os agentes produtores (autores, editores, prestadores avulsos, gráficos), comerciais (distribuidores e livreiros) e disseminadores da cultura

escrita (administradores públicos, educadores e pesquisadores). Mas é justamente pela centralidade dessa reestruturação do universo livreiro e pela indefinição do quadro mais amplo que a prudência é obrigatória e a obediência a previsões intuitivas é irresponsável.

Coerente com essa tecla comedida, o paralelo impressionista com outras revoluções permite ainda um último comentário. Em períodos revolucionários, as promessas são muitas e as ameaças legião. Por isso mesmo, essas são épocas férteis para arroubos messiânicos e muxoxos catastrofistas. E, não nos enganemos, saudações e lamentos persistem



mesmo nos períodos posteriores. Lamúrias são particularmente inevitáveis: poucos anos após a Tomada da Bastilha, Talleyrand dizia que só os que viveram antes da Revolução – como ele – conheceram a genuína doçura do viver... Oxalá a revolução editorial que vivenciamos não justifique estados de espírito tão melancólicos. Longe de louvações e execrações, talvez a resposta mais sensata a essa conjuntura ainda volátil seja um “entusiasmo ponderado”, francamente aberto às oportunidades, mas consciente dos ônus que podem acompanhá-las ●

A questão do direito autoral na era digital

Rosely Boschini

Presidente da Câmara Brasileira do Livro



A história da pirataria propriamente dita, aquela, dos navios, vem desde fenícios e assírios lá pelo ano de 735 antes da era cristã. Ela chegou ao mundo dos livros quando Gutenberg [1398–1468] aperfeiçoou uma máquina de tipos móveis e concebeu uma prensa para duplicar de modo mais rápido os antigos códices.

O Copyright, por sua vez, veio à luz em 1710 na Grã-Bretanha, ou seja, são três séculos desde a institucionalização da primeira lei que garantia ao criador de uma obra intelectual o privilégio exclusivo de direitos sobre a sua criação. Assim, a pirataria nasceu, praticamente, com o texto escrito. Não foi a era digital, portanto, que “inventou” esse problema no mercado editorial. Todos nós sabemos que a cópia de livros sem pagamento de direitos autorais foi popularizada, principalmente entre os estudantes, com o surgimento da máquina fotocopadora (a famosa Xerox).

A pirataria literária moderna foi várias vezes multiplicada pelo acesso geral e irrestrito à tecnologia da informação. E, em seguida, tecnologicamente incrementada por conta da fabricação das multiplicadoras de mídias, mais conhecidas como gravador e leitor de CDs e DVDs.

Como culpar o consumidor ou, no nosso caso, o leitor, quando ele indiscriminadamente compartilha conteúdo (de modo caseiro ou através das redes P2P), se a própria indústria da informação cria a cada dia novos artefatos “facilitadores” de pirataria em série, de fazer arrear o próprio Gutenberg? De qualquer maneira não há como concordar com o velho ditado: “a ocasião faz o ladrão”. O consumidor é, sim, responsável moral e legalmente, por seus atos.

O que não se deve, efetivamente, é confundir o desrespeito à Propriedade Intelectual, causado pela pirataria moderna, com a ausência de um modelo de negócios conexos à remuneração ou pagamento de direitos autorais dentro do mercado editorial e a toda sua cadeia produtiva.

A Propriedade Intelectual deve ser assegurada na era da Internet mesmo para o conceito Copyleft, culminado no Creative Commons [termo utilizado por Lawrence Lessig em seu livro Free Cultu-

re, mas popularizado por Richard Stallman desde 1988]. A diferença básica entre o nosso Copyright e o de Stallman e Lawrence talvez esteja no fato de que, com o conceito de Copyleft, a remuneração de uma determinada cadeia não é a prioridade: o centro das atenções é a circulação do conteúdo.

No caso do mercado editorial, o fato se repete: o foco também é a circulação do conteúdo. No entanto, ao contrário da cultura imposta por quase duas décadas de consumo de softwares considerados free, o mercado de livros tem interesse na remuneração de toda a sua cadeia produtiva.

O que pode ser alterado com o advento dos eBooks, talvez, é o percentual desta remuneração para cada um dos agentes envolvidos: autor, editora, distribuidor, livreiro. Mas o Direito Autoral deve ser assegurado independente da plataforma, do hardware ou do formato do livro. Ainda que o distribuidor dos novos tempos seja a biblioteca digital, ainda que o livreiro dos novos tempos seja a livraria online.

Instituições interessadas na questão já vêm buscando encontrar maneiras eficazes de combater a pirataria no mundo dos livros. A primeira proposta é centrar os esforços em outros itens básicos e importantes à manutenção da cadeia produtiva do livro. Estes itens, bem trabalhados, podem minimizar indiretamente os estragos que poderão sobrevir pela iminente pirataria de livros na era digital.

O Direito Autoral é único, seja para o livro eletrônico, seja para o livro impresso.

Para o desafio que se impõe ao mercado, que envolve a todos num emaranhado de perguntas, só existe uma resposta: não é hora de focar a nossa inspiração nos problemas e incertezas. É hora, sim, de concentrar esforços na busca de soluções inteligentes e equilibradas para esta maneira inédita de consumir livros – a eletrônica – e para entender esse usuário recente: o leitor dos novos tempos.

E este papel cabe à Câmara Brasileira do Livro frente à representatividade de seus associados, em parceria com sociedade civil e o poder público. A seguir dispomos quatro itens que permeiam o nosso trabalho neste sentido.

Itens de ação conjunta

1. ATUALIZAÇÃO DA LEI DE DIREITO AUTORAL

Atualmente, essa matéria é regulada em nosso país pela Lei n.º 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Se o cenário mudou, a lei precisa ser atualizada, ampliada, melhorada e adequada à nova realidade. Há mais de três anos o texto da reforma da lei de direitos autorais vem sendo discutido e esta demora atrapalha o meio de campo dos nossos negócios.

2. A IMUNIDADE DO LIVRO DIGITAL

É necessário de garantir a certeza da imunidade tributária do livro na era digital. Livro é livro em qualquer formato, hardware ou plataforma. A imunidade do livro garante a adequação do preço de capa do título eletrônico para os consumidores, em contrapartida com os custos de produção de uma obra [que se mantêm inalterados na produção ou pré-impressão do livro].

3. UM MODELO DE REMUNERAÇÃO IDEAL PARA A CADEIA

É importante estabelecer um novo cenário de remuneração aos autores e detentores de direitos autorais (editoras), incluindo a cadeia produtiva do livro, que dê uma resposta adequada ao novo cenário que se impõe; mas que não se contraponha à cultura livre (free culture). Isto porque este conceito traz uma realidade até mais desafiadora do que a própria pirataria.

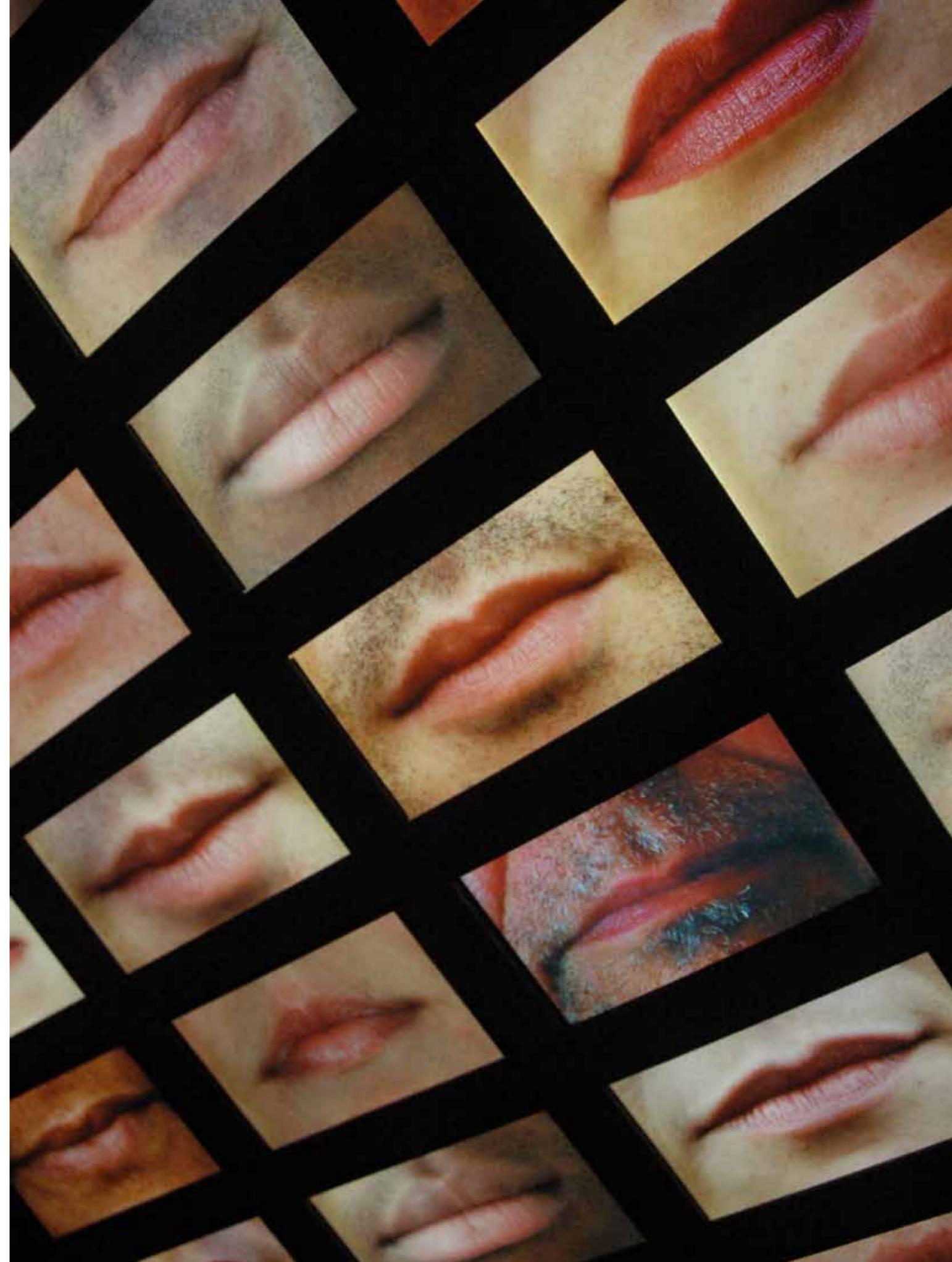
4. UM ÓRGÃO EMISSOR DE e-ISBN E CERTIFICADOR DO LIVRO DIGITAL

Viabilizar a criação e institucionalização de um órgão emissor de e-ISBN, ou seja, o registro que vai autenticar uma versão digital ou eletrônica de um livro.

Este órgão também seria responsabilizado pela emissão da certificação digital do e-Book, um documento eletrônico que conteria todos os metadados sobre o autor e editora que o utilizará para com-

provação mútua de autenticidade de um determinado livro através de chaves criptográficas.

Por meio da certificação digital de um livro, o leitor terá a integridade do conteúdo adquirido e consumido. Com a emissão de um e-ISBN e de uma certificação digital para e-Books o leitor terá, garantida, a aquisição de um conteúdo íntegro. E a cadeia produtiva terá o seu negócio fortalecido ●



Editora universitária autossustentável

Desafio para uma mudança

Carlos Alberto Gianotti
Editor executivo da Editora Unisinos, RS

Costuma-se dizer que a atribuição essencial das editoras universitárias é editar livros que veiculam o conhecimento científico desenvolvido no âmbito acadêmico. Então, por força dessa concepção aparentemente inelutável, a elas chegam todas as obras acadêmicas que as editoras ditas comerciais jamais editariam – e não as editam porque sabem muito bem que a circulação desses livros acaba muitas vezes por se dar em um círculo restrito de estudiosos, ou seja, são comercialmente inviáveis.

Assim, a sina da editora universitária seria a de publicar títulos que “não vendem”, os de mercado miúdo, o que lhe significa operar sempre com prejuízo financeiro e produzindo desalento em seu editor, de fato um editor de livros para ninguém ler. Como decorrência, reforça-se continuamente o círculo vicioso na distribuição: como editoras universitárias consabidamente produzem livros de pouca ou nenhuma viabilidade comercial, o livreiro, aquele que faz a venda na outra ponta da cadeia do livro, torna-se refratário aos títulos universitários, pois estes restariam em seu estoque apenas ocupando espaço nas prateleiras por longo tempo.

Nessas condições, os recursos para edições universitárias não são oriundos do resultado do próprio negócio: só podem vir na verdade, no caso das editoras de IES estatais, do bolso do contribuinte, ou, no caso das privadas, do bolso dos próprios estudantes. Quer dizer, a ideia desde sempre vigente com vigor é a de que editoras universitárias não são empreendimentos autossustentáveis, não têm conotação empresarial.

Por outro lado, a comunidade docente acalenta como inequívoca a noção de que a função da editora universitária é exatamente a de editar a produção escrita que dela advém – relatórios de pesquisas, coletâneas de artigos (ah! os famosos livros pluriautorais!), dissertações, teses etc. – não importando os custos dessas publicações, do qual faz pouco caso diante do seu suposto valor intrínseco como contribuição aos saberes.

No Brasil, algumas poucas casas editoras universitárias conseguiram se desvencilhar dessa concepção que resulta num mundo editorial peculiar e quase amadorístico, e implantar um modelo de gestão editorial de cunho empresarial, pensando a edição de livros universitários também como um negócio, e não apenas como um serviço prestado visando a alentar currículos acadêmicos pessoais.

Acredito que alguns aspectos editoriais possam ser considerados pelos editores universitários para que suas publicações se tornem bem mais visíveis no mercado, passando a ser algo que interesse a um público leitor mais amplo. Vejamos.

Prestadora de serviços editoriais? – É condenável que uma editora universitária mantenha a sua atividade como uma prestação de serviço à sua comunidade acadêmica. A editora de uma universidade não existe para editar livros que departamentos ou PPGs elejam como publicáveis. Ao editor e ao conselho editorial compete o estabelecimento de linhas editoriais qualificadas, a eles cabe, com autonomia, dizer o que se publica e o que não é publicável.

Livro – Não é qualquer texto que se transforma em livro, isto é, nem tudo é livro. Ao editor cabe bater o olho nas páginas de um trabalho escrito e dizer com segurança franca se ali está um texto que pode constituir um livro. Um relatório de uma pesquisa, ainda que da melhor qualidade, certamente não o será. Poderá ser um excelente trabalho de pesquisa, mas isso não implica que deva ser editado como livro. Da mesma forma, teses e dissertações, ao contrário do que digam as bancas examinadoras e examinandos, raramente podem vir a constituir livros; haverá, certamente, entre estas algumas poucas que se transformem em livros palatáveis, desde que sejam submetidas a substanciais reformulações na estrutura textual.

Qual leitor? – A quem se destina este livro? Há leitores suficientes que justifiquem sua edição impressa? Essas são indagações primeiras do editor universitário em presença de um texto candidato à publicação e do seu autor. Hoje, diante das inúmeras possibilidades de veiculação de um trabalho por diferentes mídias, é inconcebível que se edite em papel um texto destinado a meia dúzia de leitores.

Editor proativo – O editor universitário e seu conselho editorial devem estar atentos para catálogos de editoras estrangeiras visando a identificar obras destinadas à edição em português. Igualmente é recomendável que atentem para possibilidades de novos títulos a serem encomendados a autores: um determinado tema, por inusitado ou instigante, pode se tornar objeto de ensaio consistente a ser editado. Enfim, o editor precisa ser aquele que pensa continuamente novos títulos, e não aquele que permanece na expectativa de que autores venham à editora oferecendo seus trabalhos à publicação. É o editor como agente proativo.

Projeto editorial – A qualidade do projeto editorial, que resulta no aspecto físico da obra – hoje, aliás, já objeto de cuidados pela maioria das editoras universitárias nacionais –, não pode ser negligenciada pelo editor. O trabalho necessário para se fazer desenvolver um projeto bem cuidado será compensado pelo chamamento estético do leitor. Enfim, livros de conteúdo relevante com suporte de um projeto visual envolvente.

Acredito que aos editores universitários compete projetar a sua atividade visando a fazer de sua editora uma organização que efetivamente esteja a serviço da transitividade do conhecimento com sustentabilidade: na época em que estamos, seria anacronismo continuar a pensar que a função das editoras universitárias é editar obras que se destinam ao encalhe ●

Producción científica en América Latina: Circulación, visibilidad, conocimiento. Los casos de Brasil, México y Colombia, Proyecto Cognoscere-Sapere

Juan Felipe Córdoba-Restrepo

Director Editorial Universidad del Rosario, Bogotá, Colombia.
Presidente de la Asociación de Editoriales Universitarias del Caribe y América Latina, EULAC

El editor universitario realiza su labor de edición, producción y distribución de la producción científica de cada una de las instituciones a la cual pertenece. Parte de su ejercicio debe ir un poco más allá y está en la obligación de explorar y avanzar en la apertura de nuevos espacios, nuevos escenarios que propicien y permitan una interlocución dinámica del saber que produce la universidad. El ejercicio de mediador cultural implica estar la frente de los nuevos retos que nos convoca la divulgación del saber científico en América Latina.

Este proyecto busca construir un puente para circulación de información, inicialmente el proyecto, y como una fase inicial, pretende levantarlo entre la producción universitaria brasileña, mexicana y colombiana. Con la premisa de construir la circulación de la producción científica los países mencionados, con el propósito de conocer y reconocer la ciencia entre ambos, que además permitan la discusión, el debate y la comparación.

Hablar de ciencia continental es una necesidad, las dinámicas que nos imponen cada día las nuevas tecnologías de la información, las bases de datos y los ser-

vidores de información, nos convocan a que reflexionemos sobre nuevos espacios para la circulación y uso de la información que producen las universidades; por medio de una actividad de divulgación que explore nuevos escenarios para contribuir a la interlocución permanente entre nuestros autores e investigadores, todo lo que tendrá como fin la extensión a la sociedad, la socialización del saber.

Al crear una dinámica que incluya, desde los grupos de investigación, los proyectos editoriales realizados, los que están en proceso y los que se están concibiendo; no sólo se medirá cuantitativamente la producción de las instituciones universitarias, sino también dará a conocer los temas de la sociedad que desde la academia inquietan y se desarrollan. La evidencia temática sobre el número de publicaciones podrá ayudar en la clasificación de información para lectores, conocer las tendencias (fortalezas y falencias) investigativas, observar el comportamiento a través de los años y conocer futuros trabajos. Esta dinámica favorece una labor conjunta en todo sentido, pues desde los grupos de investigación, las instituciones que los apoyan, el país al que representan y el conjunto de saberes que se genera; saldrá a la luz la producción editorial documentada para lectores e investigadores, lo que generará un análisis de impacto y pertinencia.

Se trata entonces de crear una red de información en donde confluyan lo editorial, la información y los investigadores para dinamizar el conocimiento en beneficio de la región. Con un amplio sentido de lo social. Que permita describir la actividad editorial de las instituciones brasileñas, mexicanas y colombianas entre el 2000 y 2010, proponer una tipología de documentos producidos en los últimos diez años, describir la infraestructura material e institucional de lo editorial, identificar los grupos y las líneas de investigación de las universidades en Brasil, México y Colombia. Reunir e interpretar las nuevas tendencias en lo editorial y crear un modelo que posteriormente pueda ser usado por otros países latinoamericanos.

Esto implica entender lo editorial no como un agente pasivo e instrumental, sino como industria cultural, debe contribuir a crear tendencias ideológicas y debates, y a formar individuos desde los saberes propuestos en los textos.

Existen actualmente métodos de medición del impacto académico de las publicaciones, como el que se ha consolidado en el *Journal*, a través de los métodos como el Factor “h” o el *ranking* de Shangai, entre otros; basados en la recolección de datos de publicaciones que cumplen estándares de calidad establecidos. Posteriormente, esta recolección y la relación de citación y productividad, generan un *status* a la publicación, lo que desencadena en una estratificación de la producción científica, una carrera por lograr los altos estándares y una regulación de los procesos editoriales que benefician a editores e investigadores. Este método que se ha consolidado en las publicaciones periódicas científicas, ha generado muchas dudas, en cuanto al impacto real, pues si bien existe una medición, el impacto social de la publicación y la pertinencia en la región son unos intangibles que no se pueden medir cuantitativamente.

La reflexión mencionada en el apartado convoca a que pensemos lo editorial y la función del editor como un socializador del conocimiento producido. La editorial, por medio de sus procesos, logra legitimidad y validez y le da un valor agregado a la producción. La figura del editor es entonces la de un dinamizador de la producción y se constituye como garante de calidad académica de las obras publicadas.

Iniciativas que han permitido divulgar la producción editorial de la región como las realizadas por el Cerlalc con el RILV (Catálogo de la Producción Editorial Universitaria de América Latina y el Caribe), la cual pretende “darle visibilidad a la producción editorial de calidad de las universidades de toda la región latinoamericana y del Caribe. La existencia de este catálogo integral, su uso y divulgación podría fomentar la lectura de las obras producidas en nuestros países y la circulación de libros en la región, así como aumentar el reconocimiento de sus autores” (Cerlalc, 2009). Además, lesalc-Unesco con el consolidado investigativo a través de los años, en el comportamiento desde la gestión del conocimiento, pasando por el correcto de uso de políticas editoriales universitarias alrededor del continente y observando el comportamiento en la sociedad académica, también son referentes que se deben tener en cuenta al momento de pensar un proyecto regional. (lesalc-Unesco) ●

O roteiro para a classificação de livros da CAPES e as editoras universitárias

Valdir Prigol

Doutor em Literatura.

Professor da Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

Diretor da ABEU Sul.



Polêmica

A classificação de livros tornou-se um assunto polêmico desde que os comitês de área da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) tem colocado a questão em pauta para a avaliação trienal ou para a avaliação de cursos de *stricto sensu* novos. A publicação dos documentos de área dos 46 comitês da CAPES para a avaliação do triênio 2007-2009 trouxe novos elementos para pensar a questão, tanto em relação às universidades e aos programas de *stricto sensu* quanto para as editoras universitárias.

O professor Livio Amaral, Diretor de Avaliação da CAPES, tem reiterado em diversos fóruns que não existe Qualis Livro. E ele tem razão. O que existe e mais da metade dos comitês de área adotaram em seus Documentos, é o Roteiro para a classificação de livros (para o qual a ABEU contribui na sua construção). A razão da desvinculação do Roteiro com um possível Qualis Livro deve-se ao fato de há alguns atrás ter circulado um Qualis Editora, que classificava as editoras em A, B e C, conforme o número de programas *stricto sensu* existentes nas universidades e/ou número de títulos publicados (critério válido para as comerciais). A proposta de classificação era problemática e a CAPES percebeu, também, que era preciso criar um mecanismo diferente do Qualis Periódicos e por isso, também, a mudança de nome.

Esta é uma questão básica para a qual os editores e professores devem atentar: não existe um Qualis Livro mas sim um Roteiro para a classificação de livros, adotado pelos comitês para realizar a avaliação trienal e avaliação de novas propostas de cursos e programas de *stricto sensu*.

Aspectos do Roteiro para a Classificação de Livros

Para compreender em detalhe como os livros são avaliados pelos comitês é importante acessar cada documento de área (<http://www.capes.gov.br/avaliacao/documentos-de-area->), já que a forma de pontuar é diferente. Mas como o documento base é igual para todos, apresento abaixo aspectos que considero relevantes.

No início do Roteiro há uma definição de livro como

um texto editado com no mínimo 50 páginas, ficha catalográfica, ISBN, podendo ser obra integral (com até três autores) ou coletânea, fruto de pesquisa de professor vinculado a um programa de pós-graduação *stricto sensu*. O livro pode ser tanto impresso quanto em formato eletrônico. A definição parece simples mas o modo como o livro é definido remete à matéria-prima das editoras universitárias: a pesquisa. E neste caso, de professor de *stricto sensu*. Além disso, ao adotar tanto o formato impresso quanto o eletrônico, o Roteiro mostra-se atualizado com a discussão atual quanto aos formatos.

A avaliação dos livros segue um padrão diferente do Qualis Periódicos. A pontuação vai de L4 (para a contribuição mais relevante) até L1 para a contribuição pouco relevante para a área. O conceito L4 é atribuído para obras com forte impacto na área. Em boa parte dos documentos um livro L4 vale 100 pontos, a mesma pontuação de um artigo publicado em periódico A1. Mas há diferenças. No documento de área da Educação, por exemplo, vemos que um livro L4 pontua 250 pontos, enquanto um artigo em periódico A1, equivale a 100 pontos.

Para atingir uma ótima pontuação é importante prestar atenção em aspectos ligados à editora e ao livro. Quanto à editora, pontua mais aquela que possua conselho editorial, seja filiada à ABEU e possua coleção na área do livro publicado. Quanto ao livro, além dos aspectos já mencionados, pontua mais quando tiver mais de uma edição, estiver vinculado às linhas de pesquisa do programa e tiver financiamento de alguma agência de fomento.

O Roteiro não explicita mas para um livro ser avaliado por um Comitê de área ele deve ser citado nas referências bibliográficas de um programa de *stricto sensu* da mesma área. Este aspecto é interessante porque permite que uma editora publique os livros dos professores dos programas de *stricto sensu* da sua universidade mas só serão avaliados se forem citados por outros programas. Esta parece ser a marca da avaliação da CAPES: o sistema de citações. Por isso, também o Roteiro pontua mais livros que não estejam na primeira edição e que tenham tido alguma premiação.

Citamos até aqui alguns aspectos do Roteiro. Ele é bem mais rico e complexo do recorte que fizemos. Por isso, reiteramos a necessidade de você entrar

no site da CAPES e conhecer cada um dos documentos de área.

Oportunidades

Como a questão da avaliação dos livros pela CAPES, mesmo após a adoção do Roteiro para a classificação de livros, ainda gera muitas dúvidas e os vários seminários e discussões sobre o assunto não tem melhorado muito a compreensão, muitas editoras universitárias podem ficar com a má impressão de que agora publicaremos livros para a CAPES e os critérios de publicação serão relaxados para que os professores do *stricto sensu* tenham publicações. Ora, se isso acontecer, os livros nem serão avaliados. O que me parece mais justo, é pensar que a adoção do Roteiro (construído com a contribuição editoras associadas à ABEU) é o coroamento do trabalho incansável das mais de 100 editoras universitárias filiadas à ABEU.

As editoras universitárias já publicam livros resultantes de pesquisas realizadas por professores da própria universidade ou de instituições externas. Esta marca de identidade das editoras sempre foi tema das Reuniões Anuais da ABEU e nem sempre de forma positiva. A pergunta sempre é: como publicar os trabalhos resultantes das pesquisas? Nestes anos, algumas editoras até criaram coleções específicas para trabalhos de pesquisa que não possuíam um tratamento que atingisse um público maior.

Neste sentido, o Roteiro para a classificação de livros legitima o trabalho feito pela editoras universitárias e talvez, a médio prazo, faça com que as editoras percebam a oportunidade e refinem suas políticas editoriais em conjunto com as pró-reitorias (ou vice-reitorias) de pesquisa e com os coordenadores e professores dos programas *stricto sensu*.

Em várias das Reuniões da ABEU ficou evidente o fato de que perdemos o compasso em relação aos livros didáticos para o ensino superior porque as editoras comerciais, através da encomenda de títulos aos nossos professores, saíram na frente. As editoras universitárias já fazem o que propõe o Roteiro. Claro que não podemos esquecer que periódicos e livros possuem objetivos e públicos diferentes. Enquanto os primeiros destinam-se aos pares, os segundo podem ter um público bem mais

amplo (o que é sempre desejável). A atenção para estas diferenças permite que as editoras atinjam um público maior, com livros com uma linguagem mais acessível, mesmo sendo resultantes de pesquisas.

Agora é preciso conhecer os documentos de área, observar os critérios e com o mesmo rigor que já produzimos livros em nossas editoras e com a legitimidade da CAPES, darmos as nossas melhores contribuições.

A proposta da CAPES é ótima mas é inicial. As dúvidas quanto à implantação, aos modos como os livros serão analisados, entre outras, ainda persistem. Por isso, a ABEU formou uma comissão para reunir-se com a CAPES para conversar sobre estas e outras perguntas ●

ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO QUEREM UMA POLÍTICA DE AVALIAÇÃO DE LIVROS ACADÊMICOS

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte, através do Centro de Ciências Sociais Aplicadas / Programa de Pós-Graduação em Educação, promoveu, no dia 9 de março deste ano, encontro sobre o tema *Proposição de uma política de produção e avaliação de livros acadêmicos da área de educação*. Na plenária de encerramento, os presentes aprovaram dois encaminhamentos: a) levar a discussão para o âmbito da Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa em Educação (Anped); b) elaborar documento sobre a política de produção e avaliação de livros acadêmicos da área de Educação.

O evento foi constituído por quatro mesas-redondas: 1) Política e avaliação de livros acadêmicos: pontos para uma discussão; 2) Sistemática de avaliação de livros da área de educação; 3) A editoria de livros acadêmicos na área de Humanas e em Educação; e, 4) Proposta para elaboração de um documento de referência sobre a política de produção e avaliação de livros acadêmicos da área de educação. Participaram coordenadores e professores de pós-graduação em Educação; editores de livros da área de ciências humanas de instituições públicas e privadas (editoras universitárias e comerciais); representantes da área de Humanidades (CA/ED), do CNPq (Comitê Educação; comissão de avaliação/Capes dos livros (ano base de 2008). E ainda, o professor Lívio Amaral, diretor de avaliação da Capes e a professora Dalila A. Oliveira, representante da Anped. O vice-presidente da ABEU, João Canossa Mendes, editor executivo da Fiocruz, foi um dos debatedores convidados.

COMUNICAÇÃO

Sobre a Lei Rouanet

Nilson Santos

Professor, diretor da Editora da Universidade Federal de Rondônia

A participação da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) na Comissão Nacional de Incentivo a Cultura teve início em 2006 com o assento ocupado pelo professor José Castilho Marques Neto, da UNESP; de lá para cá, Valter Kuchenbeker, nosso presidente de 2007 a 2009, e teve o reforço com a minha participação desde o segundo semestre de 2009.

Muito embora uma nova lei esteja tramitando no Congresso Nacional, a atual Lei Rouanet tem passado pelo incremento do que chamamos de súmulas, ou seja, temos instituído determinadas regras para explicitar o uso dos recursos, ou para disciplinar.

Estas súmulas têm tomado corpo desde o segundo semestre do ano passado, quando passamos a discutir conteúdos de pareceres que eram recorrentes.

Só no ano de 2009, foram liberados recursos para a publicação de livros da ordem de R\$276 milhões. Deste montante, 70% foram destinados para editoras pequenas e médias do eixo Rio-São Paulo.

Em linhas gerais, a Lei Rouanet dá suporte para atividades que deveriam ser melhor divulgadas nas nossas universidades, visto que as diversas áreas de artes contam com raras fontes de financiamento como: **Artes Cênicas; Artes Visuais; Música Instrumental; Audiovisuais; Patrimônio Cultural.**

No caso da nossa área, livros, a lei permite a publicação (inclusive as etapas de pesquisa e elaboração) dos seguintes temas: **livros infanto-juvenis com ênfase no incentivo a leitura; artes; artesanato; história local ou regional; história oral e memória; biografias de pessoas vinculadas à arte ou ciência; design; arquitetura – com ênfase na**

perspectiva histórica e não técnica; fotografia; meio ambiente – com ênfase na cultura local; implantação o reforma de bibliotecas de instituições públicas; prêmios literários; feiras de livros; oficinas/cursos de leitura.

A partir de 2010, incluímos temas como Filosofia, Antropologia, Sociologia, Letras, Literatura, Gramática, e qualquer livro científico com ênfase histórica ou cultural, além de simpósios, palestras, seminários acadêmicos para a área de humanidades, associados a lançamento de livros ou promoção da leitura.

No entanto, a lei tem dois aspectos que acabam desestimulando os proponentes:

1 – Como o mecanismo se ampara na antecipação fiscal, nem todas as empresas se sentem estimuladas a antecipar o pagamento dos impostos do ano seguinte, na forma do desembolso para projetos culturais.

2 – A prestação de contas é detalhada e tem que ser fiel ao projeto proposto, qualquer variação de valores e inclusões de novos elementos de despesa demandam consultas demoradas junto a área técnica do Ministério da Cultura, ou seja, o projeto apresentado e aprovado delimita as ações. Sobre isto, é bom lembrar que os projetos contemplam pagamento de contadores e pessoal administrativo. Outra boa alternativa é especializar funcionários das nossas editoras para o tipo de prestação de contas exigidas pelo MINC.

Por fim, outra informação a qual precisamos ficar atentos, é sobre a PEC 150 que tramita no Congresso, e irá vincular em lei federal o quantitativo de orçamento de estados e municípios destinados à cultura.

Editoras associadas por todo o país

Como manter-se atualizado com o que há de mais novo em termos de conhecimento científico? Onde encontrar livros que possam auxiliar a sua pesquisa? Onde encontrar livros produzidos por pesquisadores de ponta para usar em sala de aula? Das várias respostas possíveis, uma das mais sólidas é a apresentada pelos livros das cem editoras que compõem a Associação Brasileira de Editoras Universitárias – ABEU. A maioria começou a publicar nos anos de 1980, mas há casos diferenciados, como por exemplo, o Museu Paraense Emílio Goeldi, à época Associação Philomática, que publicou seu primeiro boletim, em 1894.

A ABEU adota um sistema de gestão regionalizado como forma de congregar os associados a fim de articular ações de promoção da cultura e socialização do conhecimento através da produção e difusão do livro universitário, favorecendo a integração entre a universidade e a sociedade.

As associadas estão distribuídas nas cinco regiões brasileiras: 31 no Sul, 28 no Sudeste, 10 no Centro-Oeste, 22 no Nordeste e 9 no Norte. Estas editoras exercem um papel fundamental em suas regiões porque possibilitam a circulação dos conhecimentos produzidos nas universidades em locais em que não há editoras comerciais. Além disso, editam obras importantes para as comunidades locais, que de outro modo elas não teriam acesso. As editoras do Norte, por exemplo, têm como missão publicar obras que disseminem o conhecimento científico, cultural e tecnológico; reeditar as consagradas já esgotadas, revelar novos talentos e contribuir para a formação de leitores, voltando-se ao público, infantil e juvenil.

É necessário superar-se dificuldades peculiares à região, como o número de bibliotecas (baixo, quase sempre), o analfabetismo (índices elevados, por vezes) e o poder econômico (reduzido, em geral), que influenciam diretamente na indústria editorial. Desse modo, as editoras universitárias cumprem importante papel no contexto editorial da região, desenvolvendo um trabalho de qualidade e constituindo em importantes canais com as instituições as quais pertencem, bem como com a comunidade de maneira geral. Neste processo, há uma reciprocidade de incentivar a produção científica, literária e didática da sua região de influência.

Divulgar o conhecimento produzido, sem fronteiras ou barreiras institucionais – cuja condição única seja o mérito, a qualidade, o que é aferido pelo corpo de pareceristas, garantem a excelência da produção. A ABEU permite esta conjugação de esforços que contribui não só para a competência, a qualidade de conteúdo e forma, como também para a circulação de seus livros por meio do Programa Interuniversitário de Distribuição dos Livros (PIDL).

Editar é preciso, ler com discernimento é imprescindível, desvelando a operação “ler, que democratiza o acesso à leitura, fazendo o livro circular e chegar ao leitor, assim se completando o círculo, confirmado nas palavras de Monteiro Lobato de que a “literatura é um drama em três atos: escrever, editar e ser lido”.

Nesta edição, apresentamos uma síntese das instituições. Na relação a seguir, elaborada com base nos dados fornecidos pelas associadas, temos a marca, o nome fantasia, ano de criação, área editorial e endereços eletrônicos. Conheça cada uma delas e busque os livros. Vale à pena!

(*) texto elaborado a partir de depoimentos fornecidos pelos diretores regionais da ABEU.

ASSOCIADAS DA REGIÃO SUL

ARGOS – Argos Editora da Unochapecó – Universidade Comunitária Regional de Chapecó (1992 - Científico, Regional e Cultural)
www.isthmus.com.br/argos • argos@unochapeco.edu.br

ECM – Editora Cultura em Movimento da Fundação Cultural de Blumenau, SC (1998 - Cultural, Científico, Técnico e Literatura)
www.fcblu.com.br • editora@fcblu.com.br

EDIFURB – Editora da Fundação da Universidade Regional de Blumenau, SC (agosto de 1986 - Acadêmico-Científico, Didático-Pedagógico e de Ficção)
www.editora.furb.br • editora@furb.br

EDIPUCRS – Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS (09/11/1988 - Filosofia, História e Teologia)
www.pucrs.br/edipucrs • ucrs@pucrs.br

EDITFURG – Editora da FURG – Universidade Federal do Rio Grande, RS (Científica, Acadêmica e Cultural)
www.vetorial.net/~editfurg • editfurg@mikrus.com.br

EDITORADAULBRA – Editora da ULBRA – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS (27/07/1993 - Científico e Literário)
www.editoradaulbra.com.br • editora@ulbra.br

EDITORAI BPEX – Editora IBPEX LTDA - Faculdade Internacional de Curitiba, PR (Didático-Pedagógico, Científico, Técnico e Cultural)
www.editoraibpex.com.br • editora@editoraibpex.com.br

EDITORAUFRPR – Editora da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR (24/03/1987 - Científico e Cultural)
www.editora.ufpr.br • editora@ufpr.br

EDITORAUDESC – Editora Unesc – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC (18/4/2002 - Didático-pedagógico, científico, técnico e cultural)
http://periodicos.unesc.net/ • conselho@unesc.net

EDITORAUINIJUI – Editora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS (1985 - Cultural, Científico, Técnico e Literário)
www.editoraunijui.com.br • editora@unijui.edu.br

EDITORAUINSUL – Editora Unisul – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC (1986 - Científico)
www.unisul.br/editora • editora@unisul.br

EDITORAUINVALI – Editora da Universidade do Vale do Itajaí, SC (1997 - Científico)
www.univali.br/editora • editora@univali.br

EDITORAUFP – UPF Editora – Fundação Universidade de Passo Fundo, RS (1995 - Ciências Humanas)
www.upf.br/editora • editora@upf.br

EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas, RS (1988 - Técnico, Científico)
www.educat.ucpel.tche.br • educat@phoenix.ucpel.tche.br

EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul, RS (1976 - Didático, Científico)
www.ucs.br/ucs/editora

EDUEL – Editora da Universidade Estadual de Londrina, PR (1994 - Científico, Cultural e Didático)
www.uel.br/editora • eduel@uel.br, eduel.dir@uel.br

EDUEM – Editora da Universidade Estadual de Maringá, PR (1992 - Científico, Técnico e Cultural)
www.eduem.uem.br • eduem@uem.br

EDUEPG – Editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR (1997 - Regional e Acadêmica)
www.uepg.br/editora • editora@uepg.br

EDUFRGS – Editora da Universidade Federal do Rio Grande, RS (19/03/1971 - Cultural e Científico)
www.ufrgs.br/editora • admitedora@ufrgs.br

EDUFSM – Editora da Universidade Federal de Santa Maria, RS (1981 - Científica, Literária e Didática)
www.ufsm.br/editora • editora@ctlab.ufsm.br

EDUNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste de Paraná, PR (1997 - Científico e Acadêmico)
www.unioeste.br/editora • editora@unioeste.br

EDUNIPLAC – Fundação das Escolas Unidas do Planalto Catarinense, Lages, SC (14/03/2002 - Intelectual)
www.uniplac.net • jplima@uniplac.net

EDUNISC – Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul (1993 - Científico, Literário e Didático)
www.unisc.br/edunisc • editora@unisc.br

EDUNISINOS – Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS (1993 - Filosofia e Ciências da Comunicação)
www.unisinos.br/editora • editora@unisinos.br

INSTITUTOPIAGET – Instituto Piaget Editora – Unipiaget Brasil, Porto Alegre, RS (1991 - Científico e Acadêmico)
www.ipiageteditora.com.br • dulce@ipiageteditora.com.br

METODISTAIPA – Editora Universitária Metodista de São Paulo, SP (8/03/2005 - Científica, Acadêmica e Cultural)
www.metodista.br/editora
editora.metodista@metodistasul.edu.br

PUCPR – Editora Champagnat – Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, PR (03/01/1983 - Científico, Filosófico e Religioso)
editorachampagnat.pucpr.br • editora.champagnat@pucpr.br

UFPEL – Editora e Gráfica Universitária – Universidade Federal de Pelotas, RS (Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.prec.ufpel.edu.br/livraria • editora@uol.com.br

UNICENTRO – Editora da Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR (1984 - Científico e Literário)
www.unicentro.br/editora • editora@unicentro.br

UNIRITTER – Editora UniRitter – Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS (1997 - Científico e Cultural)
www.uniritter.com.br/editora • editora@uniritter.edu.br

UNIVILLE – Editora da Universidade da Região de Joinville, SC (Março de 2000 - Científico)
www.community.univille.edu.br/editora_univille
editora@univille.edu.br

ASSOCIADAS DA REGIÃO SUDESTE

ARTECIENCIA – Editora Arte e Ciência, SP (15/02/2002 - Livros Acadêmicos)
www.arteciencia.com.br • editora@arteciencia.com.br

CEDES – Centro de Estudos Educação e Sociedade, SP (Março de 1979 - Educação)
www.cedes.unicamp.br • cedes@cedes.unicamp.br

DISCURSOEDITORIAL – Discurso Editorial, SP (1993 - Pesquisa em Filosofia, Letras, Artes e Ciências Humanas)
www.discurso.com.br • discurso@usp.br

EDIFIEO – Editora da Fundação Instituto de Ensino para Osasco, SP (1997 - Produção Científica, Artística e Filosófica)
www.unifio.br • edifio@unifio.br

EDITORAFIOCRUZ – Editora Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz, RJ (03/05/1993 - Saúde Pública, Ciências Biológicas em Saúde)
www.fiocruz.br/editora

EDITORAMACKENZIE – Editora Mackenzie – Universidade Prebiteriana Mackenzie, SP (1999 - Acadêmico)
www.mackenzie.br/editoramackenzie

EDITORAMETODISTA – Editora Metodista – Universidade Metodista de São Paulo, SP (1980 - Produção Científica)
www.metodista.br/editora • editora@metodista.br

EDITORAUJFJ – Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG (1986 - Ciências Sociais e Saúde)
www.editoraufjf.com.br • editora@ufjf.edu.br

EDITORAUFRJ – Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ (1986 - Pensamento Crítico, História, Cultura e ideias)
www.editora.ufrj.br • cncoutinho@editora.ufrj.br

EDITORAUFV – Editora da Universidade Federal de Viçosa, MG (26/05/1996 - Ciências Agrárias)
www.editoraufv.com.br • editora@ufv.br

EDITORAUNIMEP – Editora UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba, SP (1992 - Científico, Tecnológico e Cultural)
www.unimep.br/editora • editora@unimep.br

EDITORAUNIMONTES – Editora da Universidade Estadual de Montes Claros, MG (1998 - Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.unimontes.br • ddi@unimontes.br

EDUC – Editora da PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP (1973 - Acadêmica)
www.pucsp.br/educ • educ@pucsp.br

EDUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ (1994 - Produção Científica e Intelectual)
www.eduerj.uerj.br • eduerj@uerj.br

EDUFES – Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, ES (13/6/1995 - Técnico, científico, artístico e cultural)
www.secretariadecultura.ufes.br/editora_ufes.php
ediufes@yahoo.com.br

EDUFF – Editora da Universidade Federal Fluminense, RJ (27/08/1985 - Ciências Sociais Aplicadas e Ciência Humanas)
www.editora.uff.br • diretor@editora.uff.br

EDUFRRJ – Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ (2006 - Técnico, Científico e Literário)
www.editora.ufrj.br • edur@ufrj.br

EDUFSCAR – Editora da Universidade Federal de São Carlos, SP (1986 - Livros Científicos)
www.editora.ufscar.br • edufscar@power.ufscar.br

EDUFU – Editora e Livraria da Universidade Federal de Uberlândia, MG (1981 - Técnico, Científico, Artístico)
www.edufu.ufu.br • livraria@ufu.br

EDUL – Editora Universitária Leopoldianum – Universidade Católica de Santos, SP (1974 - Educação, Direito e Gestão Ambiental)
www.unisantos.br/edul • leopoldianum@unisantos.br

EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, SP (Novembro de 1996 - Ciências Humanas [História, Sociologia, Filosofia, Educação])
www.edusc.com.br • vendasedusc@edusc.com.br

EUSJT – Editora Universidade São Judas Tadeu, SP (Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.usjt.br/editora_sao_judas • editora@usjt.br

FCRB – Edições da Casa de Rui Barbosa, RJ (1942 - Literário e Humanístico)
www.casaruibarbosa.gov.br • editora@rb.gov.br

IMESP – Imprensa Oficial do Estado de São Paulo – IMESP, SP (28/4/1891 - Cultura Brasileira)
www.imprensaoficial.com.br • fatima@imprensaoficial.com.br

PUCMINAS – Editora PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica, MG (30/03/2002 - Ciências Sociais, Educação e Relações Internacionais)
www.pucminas.br/editora • editora@pucminas.br

PUCRIO – Editora da Pontifícia da Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ (2000 - Psicologia, Sociologia, Matemática, Comunicação, Filosofia, Teologia, Serviço Social, Educação, Letras)
www.puc-rio.br/ediorapucrio • edpucrio@puc-rio.br

UFLA – Editora da Universidade Federal de Lavras, MG (outubro de 1998 - Técnica, Científica e Didática)
www.editora.ufla.br • editora@editora.ufla.br

UNESP
Editora Universidade Estadual Paulista, SP (03/05/1995 - Ciências Humanas)
www.editoraunesp.com.br • castilho@editora.unesp.br

ASSOCIADAS DA REGIÃO NORTE

EDUA – Editora da Universidade Federal do Amazonas, AM (abril 1991 - Técnico e Científico)
www.edua.ufam.edu.br • edua@ufam.edu.br

EDUEPA – Editora da Universidade do Estadual do Pará, PA (2001 - Científico e Literário)
www.upa.br/prof/eduepa • editoradauepa@gmail.com

EDUFAC – Editora da Universidade Federal do Acre, AC (22/12/2003 - Acadêmico, Científico, Técnico e Literário)
www.editoraufac.blogspot.com • editoraufac@yahoo.com.br

EDUFPA – Editora da Universidade Federal do Pará, PA (1962 - Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.ufpa.br/editora • editora@ufpa.br

EDUFRO – Editora da Universidade Federal de Rondônia, RO (20/06/2001 - Técnico, Científico e Cultural)
www.edufro.unir.br

EDUFRR – Editora da Universidade Federal de Roraima, PR (2007 - Questão indígena, Amazônia, questões transfronteiriças)
www.ufr.br/institucional/editora/editora-da-ufr • rafasol@bol.com.br

MPEG – Museu Paraense Emílio Goeldi, PA (1894 - Científico, Tecnológico e Cultural)
www.museu-goeldi.br/editora • editora@museu-oeldi.br

UFT – Editora da Universidade Federal do Tocantins, TO (18/8/2004 - Científico, Artístico e Cultural)
www.uft.edu.br • vicereitoria@uft.edu.br

UNAMA – Editora UNAMA – Universidade da Amazônia, PA (Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.unama.br/editoraUnama • editoraunama@unama.br

ASSOCIADAS DA REGIÃO NORDESTE

EDITORA UFC – Editora da Universidade Federal do Ceará, CE (21/02/1980 - Técnico, Científico e Cultural)
www.editora.ufc.br • editora@ufc.br

EDITORA UNIFACS – Editora Unifacs – Universidade Salvador, BA - Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.unifacs.br • editora@unifacs.br

EDITUS – Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, BA (1996 - Técnico, Científico e Cultural)
www.uesc.br/editora • editus@uesc.br

EDIUFS – Editora da Universidade Federal de Sergipe, SE (1986 - Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.ufs.br/editora • editora@ufs.br

EDUECE – Editora da Universidade Estadual do Ceará, CE (24/09/1987 - Produção Científica, Artística e Didática)
www.uece.br • eduece@uece.br

EDUEMA – Editora da Universidade Estadual do Maranhão, MA - Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.uema.br • editorauema@gmail.com

EDUEPB – Editora da Universidade Estadual do Paraíba, PB (1998 - Saúde, Educação, Direito, Ciências e Tecnologia)
www.eduepb.uepb.edu.br • editora@uepb.edu.br

EDUFAL – Editora da Universidade Federal de Alagoas, AL (1983 - Científico, Literário e Cultural)
www.edufal.ufal.br • contato@edufal.com.br

EDUFBA – Editora da Universidade Federal da Bahia, BA (1974 - Técnico científico, cultural)
www.edufba.br • edufba@ufba.br

EDUFCG – Editora da Universidade Federal de Campina Grande (2005 - Acadêmica, Universitária)
www.ufcg.edu.br/edufcg • edufcg@reitoria.ufcg.edu.br

EDUFPB – Editora da Universidade Federal da Paraíba, PB (Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.ufpb.br/editora • livrariacasadolivro@hotmail.com

EDUFPE – Editora da Universidade Federal de Pernambuco, PE (1955 - Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.ufpe.br/edufpe • editora@ufpe.br

EDUFPI – Editora da Universidade Federal do Piauí, PI (Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.ufpi.br/editora • ufpinet@ufpi.br

EDUFRN – Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN (16/12/1962 - Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.editora.ufrn.br • edufrn@editora.ufrn.br

EDUNEB – Editora da Universidade do Estado Bahia, BA (2006 - Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.eduneb.uneb.br • editora@listas.uneb.br

EDUPE – Editora Universidade de Pernambuco, PE (1999 - Ficção, Ensaio, Documentários, Memoriais e Produção Acadêmica)
www.upe.br • edupe@upe.br

FDR – Fundação Demócrito Rocha – Edições Demócrito Rocha, CE (Literatura, História, Sociologia, Geografia e Literatura Infantil)
www.edicoesdemocritorocha.com.br • albanisalucia@fdr.com.br

FUNDAJ – Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, PE (1980 - Ciências Sociais)
www.fundaj.gov.br • editora@fundaj.gov.br

IFRN – IFRN Editora – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, RN (2005 - Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.ifrn.edu.br/pesquisa/editora • editora@ifrn.edu.br

UEFS – UEFS Editora – Universidade Estadual de Feira de Santana, BA (2002 - Técnico-Científico e Cultural)
www.uefs.br • editora@uefs.br

UESB – Edições UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, BA (agosto de 2002 - Técnico-Científicos, Periódicos, Didáticos e Artístico-literários)
www.uesb.br/editora • editora@uesb.br

UVA – Editora da Universidade do Vale do Acaraú, CE (Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.uvanet.br • edilenebatista@hotmail.com

ASSOCIADAS DA REGIÃO CENTRO-OESTE

EDITORAUEMS – Editora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, MS (04/04/1993 - Técnico, Científico, Didático e Cultural)
www.uems.br/proec/editora • editorauems@uems.br

EDITORAUFGS – Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS (1993 - Científico, Didático e Cultural)
www.editora.ufms.br • conselho@editora.ufms.br

EDUFGD – Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, MS (outubro de 2006 - Sociopolítico e Cultural)
www.ufgd.edu.br/editora • editora@ufgd.edu.br

EDUFMT – Editora da Universidade Federal do Mato Grosso, MT (30/12/1993 - Científica)
www.ufmt.br/edufmt • edufmt@cpd.ufmt.br

EMBRAPA – Embrapa Informação Tecnológica, DF (22/8/2001 - Pesquisa Agropecuária)
www.sct.embrapa.br/liv • marketing@sct.embrapa.br

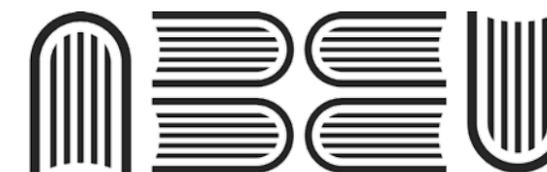
UCB – Editora Universa – Universidade Católica de Brasília, DF (1996 - Técnico, Científico, Artístico e Cultural)
www.editora.unb.br • universa@ucb.br

UCDB – Editora UCDB – Universidade Católica Dom Bosco, MS (20/09/1996 - Científica e Técnica)
www.ucdb.br/editora

UCG – Editora da PUC – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO (06/01/1986 - Científico e Acadêmico)
www.ucg.br/editora

UFG – Editora da Universidade Federal de Goiás, GO (1977 - Científico, Técnico e Literário)
- www.editora.ufg.br • editora@editora.ufg.br

UNB – Editora Universidade de Brasília (abril de 1961 - Científico e Cultural)
www.editora.unb.br • contato@editora.unb.br



Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Há 23 anos trabalhando pelo fortalecimento da
produção editorial universitária do Brasil

Universidade Federal do Espírito Santo
“Ensino público de qualidade desde 1954”

